

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LIVIA HELENA DE ARAUJO NEVES
NATHALIA ROBERTA BEZERRA DA SILVA
WILLAMS DE OLIVEIRA SALES

**EVASÃO ESCOLAR: MOTIVAÇÕES PARA RETORNAR AOS ESTUDOS NA
MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

JOÃO PESSOA – PB

2014

LIVIA HELENA DE ARAUJO NEVES
NATHALIA ROBERTA BEZERRA DA SILVA
WILLAMS DE OLIVEIRA SALES

**EVASÃO ESCOLAR: MOTIVAÇÕES PARA RETORNAR AOS ESTUDOS NA
MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de licenciatura em pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a. Maria da Conceição Gomes de Miranda

JOÃO PESSOA – PB

2014

LIVIA HELENA DE ARAUJO NEVES
NATHALIA ROBERTA BEZERRA DA SILVA
WILLAMS DE OLIVEIRA SALES

**EVSÃO ESCOLAR: MOTIVAÇÕES PARA RETORNAR AOS ESTUDOS NA
MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a Maria da Conceição Gomes de Miranda
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora

Profa. Dr^a Quézia Vila Flor Furtado
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora interna

Profa. Ms. Laura Maria de Farias Brito
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora interna

Dedicamos este trabalho a todos que contribuíram para a conclusão do mesmo, aos amigos que estiveram ao nosso lado nos apoiando, torcendo e nos incentivando para a conclusão do curso. A nossa família, que tiveram toda a paciência, nos dando força, trazendo-nos palavras de encorajamento e de carinhos. Aos nossos professores que durante toda a nossa trajetória acadêmica colaboraram com seus conhecimentos e ensinamentos, como também nos ajudou para a construção do TCC.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiro a Deus, que nos concedeu força, coragem e motivação nos momentos de dificuldade;

A nossa família, pelo cuidado, carinho, incentivo e desejo de vermos crescer e alcançarmos os degraus vislumbrados;

Aos professores, que em toda nossa trajetória acadêmica, nos fizeram crescer, contribuindo para a nossa formação acadêmica e pessoal.

A Profa. Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda, por todo seu empenho, atenção e dedicação para conosco, dispondo de seu tempo, e seremos sempre gratos.

Agradecemos aos amigos que através da amizade se fizeram presentes, nos dando apoio;

A nossa gratidão a todos que puderam contribuir direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Por isso a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma dádiva ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto e apenas com a colaboração do educador. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os homens educam-se entre si, mediados pelo mundo.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho discute sobre o contexto histórico da educação de jovens e adultos, desde os movimentos educacionais que surgiram na década 50, passando pelas políticas públicas que contribuíram para o reconhecimento da EJA. E o tema desta pesquisa tem como foco a discussão e análise sobre evasão escolar e as motivações para os sujeitos que estudaram no ensino fundamental regular e retornam para a sala de aula, agora na educação de jovens e adultos. Essa pesquisa foi realizada através de métodos, como a pesquisa de campo, pesquisa documental, estudo de caso, pesquisa qualitativa e quantitativa, e que através destes métodos, podemos colher conteúdo que desse um maior embasamento na fundamentação teórica, e em conjunto através de entrevista e questionário que realizamos, conhecemos melhor o perfil de cada aluno, e obter depoimentos destes alunos enquanto alunos do ensino básico e hoje como alunos da educação de jovens e adultos. Através da análise de conteúdo, podemos investigar cada parte estrutural dos textos, para trazer uma compreensão mais clara e interpretativa, para uma melhor interpretação e entendimento. Assim compreendendo a que a evasão escolar não esta somente interligada com questões sociais, mas relacionadas a outros fatores, como econômicos, políticos, psicológicos e ate emocionais, compreendendo a ressignificação dos estudos para os alunos, que evadiram no ensino fundamental e que retornaram para a educação de jovens e adultos.

Palavras-chave: Evasão Escolar. Educação de Jovens e Adultos e Políticas Públicas.

ABSTRACT

This research work focus on the discussion and analysis of the school dropout of the individuals who took regular elementary and junior high school and the reasons that made them go back to the classroom, now following the young and adult's education (EJA) system. As it comes to what composes its theoretical basis, we discussed the conceptions of school dropout, the young and adult's education historical context, since the educational movements which started in the 50's, passing through the public policies that contributed to the EJA recognition as a type of education. The current research was carried out through a field research, document research, being qualitative in its kind, so that it has developed a case study in order to do so, thus observing and using quantitative data as well. We chose the interview and the participants' questionnaire as our techniques to collect data, in order to get to know the students' profiles better and obtain their testimonials while students who had left elementary and junior high school, and nowadays as participants of the youth and adult's education. We adopted Bardin(1977)'s content analysis so as to analyze the results, and thus we found out that school dropout is not only connected to social matters, but also related to other factors, such as economic, political, psychological and even emotional ones, thus understanding the resignification of studying for those who once left elementary and junior high school and went back to school in the young and adult's education system.

Key Words – School dropout, Young and Adult's Education, Motivation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNEA – campanha nacional de erradicação de analfabetismo

CPC – Centro de Cultura Popular

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

EJA – Educação de jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEB – Movimento de educação básica

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MCP – Movimento de cultura popular

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE QUADROS

Quadro 01-	Taxa de Evasão Escolar – 2011	37
Quadro 02-	Taxa de evasão escolar 2012	38
Quadro 03 -	Taxa de evasão escolar 2013	39
Quadro 04-	Profissão	44
Quadro 05-	Motivações para retornar ao processo de escolarização	47
Quadro 06-	Descrição da vida escolar	49
Quadro 07-	Motivos para deixar a escola	50
Quadro 08-	Cotidianos dos alunos da EJA	51
Quadro 09-	Motivações para retornar aos estudos	52
Quadro 10-	Comportamento escolar quando Criança e Adultos	53
Quadro 11-	Motivos para a reprovação	54
Quadro 12-	Importâncias e Expectativas dos alunos da EJA	55
Quadro 13-	Motivações para permanecer na escola	56
Quadro 14-	Avaliações dos alunos sobre a EJA	57
Quadro 15-	Relação professor-aluno na EJA	57
Quadro 16-	Expectativas dos alunos da EJA sobre o futuro	58
Quadro 17-	Concepções da EJA nas opiniões dos alunos	59

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 01-	FAIXA ETÁRIA	43
Gráfico 02-	SEXO	44
Gráfico 03-	IDADE INICIAL DE ESTUDO	45
Gráfico 04-	DESISTÊNCIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO	46
Gráfico 05-	Nº DE DESISTÊNCIA AO LONGO DO PROCESSO ESCOLAR	46
Gráfico 06-	TRAJETORIA ESCOLAR DOS ALUNOS	47
Gráfico 07-	NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS	48
Gráfico 08-	RENDIA FAMILIAR	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	15
1.1 Políticas Públicas para a EJA: um novo cenário político-educacional.....	20
1.2 Breves Reflexões sobre a Evasão Escolar.....	27
1.2.1 Causas e consequências da Evasão Escolar.....	30
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: conhecendo os sujeitos e os procedimentos.....	35
2.1 Descrevendo o Campo de Estudo e os Sujeitos da Pesquisa.....	36
2.1.1 Estrutura Física e Pedagógica da Escola Campo de Pesquisa.....	36
2.1.2 Dados de Matrícula Evasão Escolar, Transferência e Reprovação na EJA da Escola Pesquisada.....	37
2.2 Técnicas de Coleta de Dados.....	40
2.3 Tipo de Análise adotado na pesquisa.....	41
3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	43
3.1 Apresentando os Dados dos Questionários.....	43
3.2 Análise da Entrevista.....	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA	
APÊNDICE C – FOTOS	

INTRODUÇÃO

A presente proposta de estudos tem como tema a análise das causas da evasão dos alunos no ensino fundamental e que hoje se encontram estudando na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como contexto a realidade da Escola localizada no bairro Jardim Planalto – PB. Como problema a ser investigado, levantamos a seguinte questão de pesquisa: quais as causas da evasão escolar de alunos do ensino fundamental, em idade regular e que retomaram os estudos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos?

O interesse pelo o tema Evasão Escolar: Motivações para retornar aos estudos na modalidade de educação de jovens e adultos, surgiu durante o estágio Supervisionado IV, após conversas entre alunos e funcionários, e observações, o grande número de alunos evadidos no ensino fundamental e que agora estava em sala de aula, na educação de jovens e adultos.

O tema selecionado para esta pesquisa se faz importante para que se conheçam as causas da evasão escolar, principalmente quando se refere a alunos que tiveram oportunidade de estudar no ensino fundamental, em idade regular diurno, e que por algum motivo deixaram a escola, e que após este afastamento, retornaram aos estudos na modalidade EJA. Comumente nos deparamos com essa realidade no cenário educacional brasileiro, e o interesse em pesquisar o fenômeno da evasão escolar se configurou a partir das visitas a escola no ano de 2013, para realizar as atividades do estágio supervisionado, e assim, ouvirmos relatos da direção sobre este tema de pesquisa.

Para tanto, o objetivo geral foi analisarmos as causas da evasão escolar, no ensino fundamental com alunos que retornaram aos estudos na modalidade EJA e como objetivos específicos: 1) identificar os fatores que contribuem para a evasão escolar dos alunos no ensino fundamental em idade regular diurno; 2) verificar os motivos que levaram os alunos evadidos do ensino fundamental, retornarem aos estudos na modalidade de EJA, e por fim, 3) descrever as contribuições da EJA para a formação desses sujeitos que se evadiram do ensino fundamental em idade regular.

Sendo assim, a evasão escolar é um dado alarmante tanto em situações de aprendizagem em idade regular diurno quanto, na realidade da EJA, e que está sendo um desafio para o sistema educacional diminuir ou erradicar a evasão na sala de aula.

A evasão escolar é, portanto, um tema consideravelmente discutido na educação e diversos fatores contribuem e estão diretamente ligados para que ela aconteça com frequência nas escolas brasileiras. Fatores estes que podem envolver desde questões socioculturais, institucionais e até mesmo cognitivas e emocionais.

No que se refere a realidade da evasão da EJA, temos ainda uma preocupação que se dá em torno do alunado que normalmente corresponde ao atendimento de sujeitos com idade acima dos 17 anos, que estão fora da idade regular diurno e que exercem atividades tais como: trabalho, pais e mães de família, casamento, entre outras que dificultam o processo de escolarização quando estes retornam aos estudos, após anos fora da escola.

É importante que a sociedade conheça algumas das realidades que permeiam escolas em nosso estado e até no Brasil e assim possam discutir e contribuir para possíveis soluções para tal problema. Ter uma visão reflexiva, tentar construir um novo conhecimento sobre a evasão e se aprofundar nesse tema, dá um norteamento para qual direção tomar. (FREIRE, 1982, p.86).

Desta forma, é necessário que novos caminhos se percorram para ampliar o debate sobre a evasão escolar, de maneira que seja possível um enfrentamento para lutar contra o aumento da evasão, criando estratégias para o solucionamento de tal fenômeno (evasão escolar).

A evasão escolar não é, portanto, um problema enfrentado apenas na educação de jovens e adultos, mas, se verifica também na trajetória escolar do aluno, quando matriculado no ensino fundamental, em idade regular diurno, quando o mesmo por algum motivo se desestimula com o processo de ensino- aprendizagem, desembocando em frustrações e conseqüentes razões para a sua desistência.

Para tanto, buscamos discutir o fenômeno da evasão escolar na realidade de alunos que hoje se encontram na EJA, em virtude de terem se evadidos do ensino regular diurno na idade apropriada.

A seguir apresentamos a estrutura do trabalho de conclusão de curso, o qual está dividido em três seções, a saber: A primeira seção relata o contexto histórico da EJA, as políticas públicas que contribuíram para constituí-la enquanto modalidade de educação

e também seus avanços. Discutimos também as concepções de EJA, a partir da produção bibliográfica existente, os desafios do professor da EJA, sua formação, e possíveis soluções para diminuir a evasão na EJA.

Na segunda seção, apresentamos os procedimentos metodológicos, incluindo a descrição do cenário de pesquisa, os sujeitos, bem como as técnicas e instrumentos de coleta de dados adotados que foram entrevista, questionário e dados secundários sobre a evasão escolar em sites do INEP (Instituto Nacional de Estatísticas e Pesquisas), MEC (Ministério da Educação) e IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico e Estatísticas) E por fim, na terceira seção, a discussão e análise de dados coletados no campo de pesquisa, e em seguida realizamos as considerações finais sobre o fenômeno em estudo (evasão escolar e EJA).

1 CONSIDERACOES SOBRE A EDUCACAO DE JOVENS E ADULTOS

A educação de jovens e adultos (EJA) se deu a partir da necessidade de garantir o direito ao ensino e a inserção social àquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na idade adequada, ou não concluíram seus estudos por meio do ensino regular, conforme regulamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira N° 9.394/96 que,

prevê que a educação de jovens e adultos se destina àqueles que não tiveram acesso (ou não deram continuidade) aos estudos no Ensino Fundamental e Médio, na faixa etária de 7 a 17 anos, e deve ser oferecidas em sistemas gratuitos de ensino, com oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho do cidadão. (MEC, 2002, p.17)

Contudo, não basta apenas garantir o acesso. É necessário criar meios para assegurar a permanência e a continuidade dos estudos, possibilitando condições para que possam desfrutar de melhores condições de vida, especialmente no mundo do trabalho.

O desvendar da História da Educação de Jovens e Adultos, nos permite a conhecer sua trajetória, sua história, suas lutas e movimentos educacionais que contribuíram com a extensão da EJA, contando ainda que isto se deve ao desenvolvimento desta que se deu a partir das campanhas de alfabetização em meados

do século XX no Brasil, e também as próprias políticas públicas que permitiram a expansão da modalidade de EJA garantida na LDB N° 9394/96.

É certo que a história da EJA, nos permite refletir que a caminhada para alcançar os resultados hoje obtidos não foram fáceis, pois de fato, houveram discussões e contribuições teóricas, que acabaram por oportunizar a organização da EJA enquanto modalidade de educação, garantida pela Lei Educação Brasileira como direito ao acesso à educação.

Historicamente, podemos observar que houve nos anos de 1920 no Brasil, um total descaso com a educação, onde se alcançou a marca de 72% de analfabetismo da população brasileira como afirma Manfredi (1981).

Em 1934, criou-se o Plano Nacional de Educação que tinha como finalidade, o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido aos adultos. Esse foi o primeiro plano na história da educação brasileira que visava um tratamento específico designado a educação jovens e adultos. E a partir da Década de 1940 e com grande força na década de 1950 que a educação de jovens e adultos se reinsere na lista de prioridades do país.

No ano de 1938 foi constituído o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e a partir de suas pesquisas e estudos, foi criado em 1942 o Fundo Nacional do Ensino Primário para a melhoria da educação básica, e entre um de seus objetivos, realizar programas que ampliassem e incluíssem o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos. Em 1945, foi firmado que 25% dos recursos fosse empregado na educação de adolescentes e adultos segundo Medeiros (1999).

Já nos anos de 1950, campanhas de alfabetização surgiram com o intuito de erradicar o analfabetismo da população adulta brasileira, a fim de formar mão de obra trabalhadora num país que sinalizava adaptar-se ao modo de produção capitalista.

Uma das razões para o surgimento da primeira campanha nacional de alfabetização no país se deu por pressão vinda de representantes internacionais, pelo fato de o país ser considerado como nação atrasada, onde a Educação de Jovens e Adultos não atingiu um desenvolvimento satisfatório e sim, o crescimento do analfabetismo.

Segundo Stephanou & Bastos (2005), a partir de 1958 foi criada a Campanha Nacional de Erradicação de Analfabetismo (CNEA), com o objetivo de disseminar atividades de alfabetização em diversos municípios, de acordo com a realidade, de forma que buscasse expandi-la no resto do país.

Do fim da década de 1950 para o início da década de 1960, os movimentos educacionais foram surgindo em prol da alfabetização de adultos, e entre eles, podemos citar: Movimento de Educação de Base (196-MEB), Movimento de Cultura Popular do Recife (196-MCP), Centros Populares de Cultura (CPC), Campanha de Pé no Chão também se Aprende (Prefeitura de Natal), Cruzada ABC, Ceplar (Campanha de Educação Popular na Paraíba) entre outros movimentos.

A grande maioria destes movimentos não se desenvolveu conforme o esperado. Porém, outras campanhas perduraram por anos e deixou um legado, para o incentivo da Educação de Jovens e Adultos, onde exerciam uma influência freiriana, através da sua pedagogia, identificando o analfabetismo “não como razão da pobreza. mas resultado de uma sociedade de injustiça e não de direitos iguais”. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 269).

E com a repercussão dos movimentos educacionais de alfabetização, o CNEA foi concluído, e no mesmo ano (1958) foi iniciado por Paulo Freire, o Plano Nacional de Alfabetização para a criação juntamente com o Ministério da Educação (MEC). Porém, com o início do golpe Militar em março de 1964, o plano foi interrompido.

Com o golpe militar de 1964, as campanhas dos movimentos educacionais que visavam uma transformação social, tiveram bruscamente suas atividades paralisadas, os materiais recolhidos e algumas pessoas foram para o exílio. Retoma-se então a educação homogênea, e o governo funda o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) com intuito de fornecer uma educação funcional, ou seja, uma educação voltada para o ato de ensinar apenas a aprender a ler e escrever.

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei Nº 5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria. (VIEIRA, 2004, p. 40).

Mesmo durante o regime da ditadura militar, verifica-se a configuração de um estatuto legal, o qual assegura a implantação do ensino supletivo para atender a escolarização dos sujeitos em condição de analfabetismo para formação de mão de obra trabalhadora, com especificidade para o atendimento da escolarização de jovens e adultos fora da idade regular diurna.

Mas, retomando o debate sobre o MOBRAL, observa-se que este movimento permitia a aprendizagem da escrita e da leitura, sem o indivíduo ser sujeito participante da sociedade, e ainda defendia que o analfabeto era culpado por sua situação e pelo país ainda se encontrar em estado de subdesenvolvimento.

Além disso, o MOBRAL tinha a visão de que qualquer adulto que fosse ao menos alfabetizado poderia alfabetizar, sem ao menos uma formação pedagógica para o ato da alfabetização.

Em 1985, o MOBRAL foi extinto com o início da Nova República e por suspeitas que verbas do movimento foram desviadas, sendo levada até a uma Comissão Parlamentar de Investigação (CPI). Segundo Stephanou & Bastos (2005), outro programa de alfabetização surgiu em seu lugar, a Fundação Educar, vinculada ao Ministério da Educação. Sua finalidade era de supervisionar e acompanhar, juntamente as Instituições e Secretarias. Porém, com o fim do Governo Collor, em 1990, a Fundação Educar foi extinta.

Com a Constituição de 1988, fica assegurado que todas as pessoas tenham acesso à educação, sendo, portanto, reforçado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.

De acordo com a LDB Nº 9394/96, determinado que o Plano Nacional de Educação fosse elaborado a partir da Declaração Mundial de Educação para Todos. E com base na referida Lei, foi constituída a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino através da Resolução CNB/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, que funda as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. De acordo com *Antunes (2006, p.22) “ressalta-se ainda o direito a jovens e adultos à educação adequada às suas necessidades simbólicas de estudo, e ao poder público fica o dever de ofertar esta educação de forma gratuita”.

Nos anos 1990, outros movimentos educacionais retomam o cenário da educação de jovens e adultos, a exemplo do Movimento de Alfabetização (MOVA), Programa Alfabetização Solidária - ALFASOL (1996), o que mais uma vez seria alvo de crítica, lembrando os movimentos educacionais de 1950. As críticas se referiam a:

Além de se tratar de um programa aligeirado, com alfabetizadores semi preparados, reforçando a ideia de que qualquer um sabe ensinar, tinha como um de seus pressupostos a relação de submissão entre o Norte-Nordeste (subdesenvolvido) e o Sul-Sudeste (desenvolvido). Além disso, com a permanente campanha 'Adote um Analfabeto', o PAS contribuiu para reforçar a imagem que se faz de quem não sabe ler e escrever como uma pessoa incapaz, passível de adoção, de ajuda, de uma ação assistencialista (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 272).

Em 1998, é implantado também o (PRONERA) Programa Nacional de Educação de Reforma Agrária com a finalidade de alfabetizar as camadas que vivem nas zonas rurais.

No início do século XXI aponta-se um dado preocupante em que grande parte da população ainda não tem o domínio de escrita e leitura e conhecimentos matemáticos, afirmando que,

Quase 20 milhões de analfabetos considerados absolutos e passam de 30 milhões os considerados analfabetos funcionais, que chegaram a frequentar uma escola, mas por falta de uso de leitura e da escrita, tornaram à posição anterior. Chegaram, ainda, à casa dos 70 milhões os brasileiros acima dos 15 anos que não atingiram o nível mínimo de escolarização obrigatório pela constituição, ou seja, o ensino fundamental. Somam-se a esses não analfabetos que, mesmo frequentando a escola, não conseguem atingir o domínio da leitura e da escrita (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 273)

Este dado nos leva a refletir sobre o grande desafio para tentar erradicar o analfabetismo no Brasil, principalmente no que se concerne à Educação de Jovens e Adultos, que no término da primeira década do Século XXI, jovens e adultos, apenas 12.655.985 estariam matriculados em alguma modalidade de ensino, assim como aponta o IBGE/PNAD (2009).

Porém, se faz necessário observar que apesar destes dados, não se aponta a escola como culpada, mas, reflete as razões que surgem neste contexto histórico, entre fatores sociais, econômicos, e ainda nos faz perceber a necessidade de criar políticas públicas educacionais que possibilitem soluções plausíveis para a erradicação do analfabetismo.

Desta forma, ao traçar a breve trajetória histórica sobre analfabetismo e EJA vislumbramos que no Brasil, esta modalidade de ensino contou com descaso político, mas, com as contribuições das campanhas de alfabetização alcançaram novos contornos, sobretudo, a constituição desta modalidade de educação reconhecida pela LDB 9394/96.

1.1 Políticas Públicas para a EJA: um novo cenário político-educacional

A Lei 5692/71 permite pela primeira vez fazer referência à Educação de Jovens e Adultos, em capítulo próprio sobre o Ensino Supletivo. Esta modalidade de ensino “foi regulamentada tendo as seguintes funções básicas: a suplência, o suprimento, a aprendizagem e a qualificação, mediante a oferta de cursos e exames supletivos” (SOARES, 2001, p.206).

Observa-se que mesmo estabelecendo-se o ensino supletivo, pouco foi realizado no sentido de atender as necessidades de adultos, que muitas vezes tentaram voltar para a sala de aula, pois os programas relacionados à Educação de Jovens e Adultos renderam discussões políticas, desconectadas com a realidade educacional.

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil de acordo com Soares (2001, p. 201) “se insere nesse contexto: em meio à sua desvalorização e à indiferença, convivemos com numerosas iniciativas e consolidação de propostas em seu âmbito”. É necessário lembrar que os movimentos educacionais e populares tiveram uma atuação com experiências educativas, porém, são as políticas públicas, que contribuíram para o crescimento da Educação de Jovens e Adultos, como também o reconhecimento como modalidade de ensino e de poder garantir uma educação básica àqueles não puderam concluir seus estudos no ensino regular diurno. (BRASIL, 1996)

A Constituição Federal de 1988 foi, então, o resultado do processo de redemocratização da sociedade brasileira após os vinte anos de ditadura militar, reconhecendo, assim, novos direitos e contemplando novos processos de democratização do poder público.

Para Di Pierro (2005), nesse período criou-se um ambiente político cultural favorável para que os sistemas de ensino público comesçassem a desfazer paradigmas compensatórios do ensino supletivo e, obtendo o legado dos movimentos de educação e cultura popular, ampliassem experiências novas de alfabetização e escolarização de jovens e adultos.

Outro fato importante foi a Declaração das Organizações das Nações Unidas, que determinaria o ano de 1990, como o ano internacional da Alfabetização. Então realizaram a Conferência Mundial de Educação Para Todos, lançando ideias de

esperanças e novas propostas de avanços para a educação de jovens e Adultos. No entanto,

O fato da Organização das Nações Unidas haver declarado 1990 como o Ano Internacional da Alfabetização e convocado para essa data a Conferência Mundial de Educação para Todos reforçava essa expectativa que, entretanto, acabou não se confirmando (HADDAD & DIPIERRO, 2000, p. 24).

No período compreendido entre 1981 e 1986, 48% das crianças entre 10 e 14 anos tiveram acesso à escola, porém permaneciam nela apenas durante três anos ou menos. E dentre os de 15 a 17 anos, só 8,3%, tinham nove anos ou mais de escolarização.

Segundo Haddad e Di Pierro (2000), uma avaliação dos anos 1980 revela um quadro significativo na EJA, mas, a queda nas taxas de analfabetismo no período de 1980-1991 foi significativa em relação às taxas apresentadas.

As soluções para erradicação do analfabetismo no Brasil foram tomadas procurando acolher o compromisso assumido na Conferência Mundial sobre Educação para Todos (JONTIEM, 1990) organizada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Dessa conferência foi modificado o documento Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

Foi na década de 1990, que os índices do analfabetismo tiveram uma queda, e mesmo assim não foi suficiente para que o Brasil cumprisse a meta estabelecida no prazo de 10 anos como apresentava o documento que era diminuir o analfabetismo em relação aos índices de 1990 em 50% até o ano 2000 (UNESCO, 1990), pois a meta era,

Redução da taxa de analfabetismo adulto à metade, digamos do nível registrado em 1990, já no ano 2000 (a faixa etária adequada deve ser determinada em cada país). Ênfase especial deve ser conferida à alfabetização da mulher, de modo a reduzir significativamente a desigualdade existente entre os índices de alfabetização dos homens e mulheres (UNESCO, 1990).

Tal compromisso foi firmado em relação a educação de jovens e adultos, com a Conferência Mundial de Educação Para Todos, e outros encontros nacionais e internacionais foram organizados através da UNESCO e a Organizações das Nações Unidas (ONU), onde o MEC (Ministério de Educação e Cultura), firmou compromissos, apoiado pelo governo brasileiro, no que competia a expansão de ofertas para o Ensino Fundamental, visando o atendimento de toda população.

O referido compromisso, porém, ficou só em teoria, se observando o descumprimento dos acordos e recorrendo a práticas de programas compensatórios, em campos da filantropia ou a cargo, na sua grande maioria por entidades empresariais. Haddad e Di Pierro (2000, p. 29) afirmam que,

países e organismos de cooperação internacional que participaram da Conferência Mundial sobre Educação para Todos deveriam ter realizado esforços conjugados para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de crianças, jovens e adultos”.

Observa-se que os esforços da UNESCO foram visíveis na ação contra o analfabetismo, e nesse sentido em 1997, foi realizada, em Hamburgo, na Alemanha a V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (V CONFINTEA), cujos acordos firmados foram agrupados em um documento intitulado “Agenda para o Futuro” que tratam do direito à “educação ao longo da vida”.

A V CONFINTEA veio firmar o texto contido na Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990), e utilizou uma ideia maior de formação de pessoas adultas que inclui variedades de processos formais e informais de aprendizagem e educação continuada passível de ser adquirida ao longo da vida.

A VI Conferência Internacional de Educação de Adultos da UNESCO que, pela primeira vez, se realiza no hemisfério sul. Eles mostram que as estatísticas do analfabetismo diminuíram apenas 0,1%. O resultado só não foi pior em razão do bom desempenho do Nordeste, região que teve maior participação da sociedade civil: a taxa de analfabetismo recuou de 9,9% para 9,8% entre 2007 e 2008. A taxa de analfabetismo no Brasil está praticamente estancada. A nação deveria ficar assombrada diante desses dados que revelam evidente desrespeito aos direitos humanos. Além da falta de recursos para essa que deveria ser analisada uma “modalidade da educação básica”, como está no Plano Nacional de Educação de 2001, a decisão do governo de afastar a sociedade civil do processo, contrariando a Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (Cenaeja), foi outro fator que contribuiu para esse resultado não esperado. E não faltou alertas para a equivocada reformatação do programa federal Brasil Alfabetizado.

Todos sabem que o fim do analfabetismo não é só responsabilidade do governo federal: é responsabilidade das três esferas de governo. Mas é inaceitável, seja quem for

o responsável, que o direito humano à educação seja negado duas vezes aos adultos. O analfabetismo é uma ofensa ao direito de cidadania: é como negar o direito humano à comida, à liberdade, o direito a não ser torturado.

Nessa visão, o campo educacional de educação de jovens e adultos, em relação às políticas públicas, ficou restrito, e algumas vezes não se configuraram com eficácia.

Na ocasião é reconhecida pelo governo, a falta de comprometimento em relação ao acordo estabelecido mediante o grande número de analfabetismo que coincidiu com o aumento dos bolsões de pobreza no país, momento em que se fez um balanço positivo no que se refere a década em que houve um aumento do número de crianças, adolescentes, jovens e adultos matriculados. (UNESCO/BRASIL, 2004).

O Fórum Mundial de Educação, em Senegal/Dakar realizado em abril de 2000 tratou de analisar a década de 1990, bem como, os compromissos estabelecidos em 1990, firmados pelos 155 países que participaram da Conferencia Mundial de Educação Para Todos, e que havia assinado a Declaração Mundial de Educação resultante da Conferência e um Plano de Ação, para atender as necessidades básicas de aprendizagem.

No entanto, em 2003 ainda tínhamos 125 milhões de crianças que não estavam em sala de aula, e 880 milhões de analfabetos, que em sua grande maioria era composta por mulheres e que viviam em países pobres. Além disso, somava-se uma população de 16 milhões de analfabetos, se considerarmos os analfabetos funcionais, e este número saltava para 30 milhões, considerando a população a partir dos 15 anos. (BRASIL, 2003).

Com a Constituição Federal de 1988, no Título dos Direitos Individuais e coletivos, se garante o direito à Educação a todos os cidadãos brasileiros. Sendo assim, as políticas educacionais são organizadas para efetivarem aquilo que passa a ser garantido na referida Constituição. O artigo 208 da CF de 1988 afirma que é dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1988).

Aqui nota-se a preocupação com aqueles que não tiveram oportunidade de estudar, de concluir os seus estudos em idade regular, e por esta razão, a Constituição de 1988, vem garantir a todos uma educação gratuita e de acesso à todos.

Porém, para definir-se mais enfática, em Cumprimento da Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB N° 9394/96, ao inserir a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de Educação Básica. “[...] será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio, na idade própria” (BRASIL, 1996).

Desta forma, a EJA, se estabelece como um dos princípios para a luta contra os problemas do analfabetismo, e de uma grande massa sem escolarização pois a formação de pessoas jovens e adultas em competências eficazes à vida cotidiana, ao trabalho e à participação cidadã, colabora para a melhoria da qualidade de vida:

A alfabetização, concebida como conhecimento básico, necessário a todos num mundo em transformação em sentido amplo, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. [...] A Alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida (UNESCO, 1997).

O documento apresentado pelo Brasil, na oportuna situação demonstrava aumento no numero de matriculados e de recursos financeiros que eram destinados à EJA, sendo que em 2001, foi investido 189,7 milhões de reais e que em 2004, esse numero aumentou sendo de 420 milhões de reais, para o programa. Neste período entre 2000 e 2002, o numero de matriculados na EJA, aumentou no Brasil 25%, o que competiu as regiões Norte e Nordeste o aumento de 48% e 102,5% respectivamente. Ressaltando que são essas regiões que recebem bolsões de pobreza e onde se destaca com maior numero de analfabetismo. (UNESCO/BRASIL, 2004).

O relatório da UNESCO apresentava resultados contidos na reunião da V Confinteia e Agenda para o Futuro e que pedia mais vontade política para obter as metas estabelecidas, e que organizasse meios, objetivando a educação e a aprendizagem dos adultos.

Para tanto, destaca-se a importância da alfabetização e escolarização da EJA que precisam ser entendidas como investimentos e não apenas como objetos de consumo social, e que a inclusão da educação e aprendizagem de adultos em todas as ações de

desenvolvimento e programas sociais conceberá uma contribuição importante à prosperidade econômica, desenvolvimento sustentável, coesão social e solidariedade. (UNESCO/BRASIL, 2004).

Entende-se, portanto, mediante esse contexto, o dever do Estado em garantir e ofertar educação enquanto direito social para o exercício da cidadania, o que no Art. 4º, inciso VII da LDB 9394/96 verifica-se a:

Oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996).

Assim se vê, que as políticas públicas, tem contribuído e garantindo melhores condições de ofertas para aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar em idade própria, e além disso, oferecendo alternativas que contribua para a continuação do aluno em sala. Porém se fazia necessário políticas que fortificassem as leis referentes à educação de Jovens e Adultos, pois muita permanência apenas em discussões, disso surgiu a implantação da de Diretrizes Curriculares da EJA, fundamentadas na LDB, (MEC, 2000), que vem com a finalidade de firmar outras leis, bem como implantar um currículo mais eficaz para a educação de Jovens e Adultos.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Básica (CEB), por meio do Parecer Nº 11, de maio de 2000, e da Resolução Nº 1 de 05 de julho de 2000, estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA e a reconhece como:

[...] uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais na escola ou fora dela [...] em que a ausência de escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto [...] (BRASIL, 2000).

Esse documento trouxe esclarecimentos importantes para a preparação pela primeira vez da Proposta Pedagógica da EJA, e marcou o início dos estudos para a elaboração das Diretrizes Curriculares Estaduais da EJA também pela primeira vez.

Consideramos para tanto, que tal iniciativa corroborou para o fortalecimento das Políticas Públicas de educação relacionadas a EJA, destacando-se o que preconizava o

artigo 214 da Constituição Federal de 1988, sobre o Plano Nacional de Educação (PNE), em que cita:

A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à: I – erradicação do analfabetismo, II – universalização do atendimento escolar (BRASIL, 1988).

O Plano Nacional de Educação foi um acordo firmado em reunião de avaliação da Conferencia Mundial de Educação Para Todos, e estabelecida em janeiro de 2001, entre algumas medidas, programas para alfabetizar 10 milhões de alunos, em 05 anos e até o final da década, erradicar o analfabetismo. O PNE aponta em seu texto, 6 medidas e objetivos para serem cumpridos na década da educação (2001-2011), referenciando também as metas para a Educação de Jovens e Adultos¹:

O documento do PNE sugere, portanto, a ampliação ao atendimento de jovens e adultos, que permanecia fora da ação educacional, porém há muito o que se fazer, quando se observa o número de analfabetismo, resultado da falta ou descontinuidade de políticas para a EJA.

Porém, as metas que haviam sido estabelecidas em Jontiem (1990) para o PNE (Plano Nacional de Educação), o governo de Fernando Henrique Cardoso, eleito em 1994, não o colocou em prática, ao contrário, investiu mais em esforços na universalização do ensino fundamental, aplicando a metade dos recursos financeiros ligados à educação.

A ênfase estava posta na política de focalização, restrita a aplicação dos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) criado em 1996, mas implantado em 1998. (DI PIERRO & GRACIANO, 2003).

Porém, o governo de FHC não obteve êxito como o esperado, sendo incapaz de reverter às desigualdades regionais, apesar do mecanismo que previa pesados investimentos do governo federal.

O FUNDEF colaborou para o desenvolvimento do Ensino Fundamental das crianças de 7 a 14 anos, deixando à margem tanto a amostra da educação infantil,

¹ Conferir documento Brasil/PNE (2001).

quanto o do ensino médio e a modalidade de educação de jovens e adultos. Com isso ficaram sem assistência as crianças de 0 a 6 anos, os jovens e adultos que não se escolarizaram em idade própria. Em 2007, no governo de Lula foi substituído pelo Fundo de Educação Básica (FUNDEB)

Em 2003, no governo de Luís Inácio Lula da Silva, o Ministério da Educação (MEC) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), destacam a importância da educação de pessoas jovens e adultas, lançando como plataforma de trabalho, a alfabetização de 20 milhões de pessoas em quatro anos, quando em 2004, cria o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) desenvolvido por voluntários, tendo como finalidade erradicar o analfabetismo em 04 anos.

No contexto de busca pela alfabetização de pessoas jovens e adultas, em 2005, temos a implantação do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), com o objetivo de ampliar e oferecer maior número de vagas, para os cursos de educação profissional a trabalhadores que não tiveram acesso ao ensino médio na idade regular diurna, destinado a jovens e adultos, com idade mínima de 21 anos.

As Políticas públicas para atender a EJA precisa de investimentos capazes de garantir o acesso dos alunos na escola, e permite ao sujeito da eja, a reinserção na sociedade e a seguimento com sucesso, além, da continuidade da oferta de estudos a jovens e adultos.

O caráter de uma política pública compensatória continua presente nas políticas educacionais brasileiras. O fortalecimento dessas políticas é de fundamental importância para que a EJA supere a condição de campanhas e programas emergenciais. As políticas públicas também podem contribuir para o crescimento de processo de escolarização, assim como para a diminuição ou até mesmo a erradicação de taxas relacionadas à educação, como a Evasão Escolar, que traz em questão, a reflexão sobre o tema, as causas e consequências da evasão escolar no ensino regular diurno.

1.2 Breves Reflexões sobre a Evasão Escolar

O tema evasão escolar é muito discutido atualmente e podemos dizer que é uma grande preocupação, pois cada vez mais se torna um desafio fazer com que o aluno permaneça na escola.

Apesar de todos os avanços e transformações conquistadas, a educação pública brasileira ainda possui registros altíssimos de evasão escolar. O abandono da escola pelo aluno ao lado da repetência é considerado um dos principais problemas da educação brasileira.

Mesmo em diversas discussões, propostas, metas e programas desenvolvidos no país, a evasão escolar ainda ocupa espaço de relevância no cenário das políticas públicas de educação.

Com relação à educação, a legislação brasileira determina a responsabilidade da família e do Estado no dever de orientar a criança em seu percurso sócio educacional. Conforme a LDB 9.394/96 em seu Art. 2º.

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ainda assim, pode-se observar que a educação ainda não está ao alcance de todos os cidadãos, principalmente no que se refere à conclusão do processo de escolarização na educação básica. E desta forma, verifica-se a evasão escolar, fenômeno que comumente ocorre na escola e traz consequências para a população que fica a margem deste processo (escolarização), apresentando baixa autoestima, ficando em condições de repetência, e conseqüentemente, distorção idade e série, quando também estando fora da escola e sem a certificação desejada não consegue sua inserção no mundo do trabalho.

Para tanto, trataremos aqui de explicitar as concepções de evasão escolar, uma vez que este é o fenômeno em apreciação. Para Ramalho (2009, p.18) “evasão escolar é um fenômeno em que o aluno abandona a escola durante o ano letivo por motivo de desinteresse, por falta de estímulo, por questão financeira entre outros”.

Entre os fatores que estão ligados à evasão escolar destacamos, por exemplo, o trabalho, a longa jornada diária e a desmotivação aos estudos, assim este sujeito apresenta dificuldade no acompanhamento das disciplinas do currículo, tendo maior a chance de abandonarem a escola. O que contribui para reforçar a autocrítica e reafirmar, o fracasso escolar, sentindo-se culpado por não ter se dedicado aos estudos na idade apropriada.

Por consequência, após este período de afastamento da escola, acabam por retornar aos estudos na idade adulta, embora sintam dificuldades no processo da escolarização de jovens e adultos em virtude do fator “trabalho”.

Ao mesmo tempo em que retornam à escola, conseguem sentir que a aprendizagem está se realizando e apresentam maior chance de continuar a estudar, por entender que agora necessitam de uma certificação para melhorar as suas condições de vida e de trabalho.

O jovem e o adulto passam a compreender a importância que a escola tem para a organização de seu futuro, pois passam a entender que os estudos lhes trarão melhores oportunidades no mercado de trabalho, e ainda o desejo de ingresso na universidade fará com que o estudo se torne mais atrativo.

Na escola de EJA estão os jovens e adultos que em algum momento se sentiram ou foram excluídos do sistema educacional. Perceber esta realidade significa a possibilidade de dar maior expressão a estes atores sociais, os quais têm assegurado o direito à educação, como consta no Art. 37 da LDB 9394/96.

Art.37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§1º Os sistema de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 1996, p.16)

O que podemos perceber é que mesmo com esse direito assegurado desde a Constituição de 1824 até a LDB 9394/96, com o aumento do número de vagas em escolas públicas para atendimento de crianças e de jovens e adultos, não se conseguiu garantir a qualidade da educação.

Para tanto, a não efetividade, eficácia e eficiência desta qualidade, contribuiu para que um contingente de crianças e adolescentes não lograssem êxito com os estudos, gerando, assim, o fracasso escolar e a repetência. Nesses casos, o aluno não encontra mais sentido para frequentar a escola, o que gera o abandono dos estudos.

Por sua vez, a evasão escolar é um problema recorrente no sistema educacional brasileiro, e vem crescendo gradativamente ano após ano. Porém, políticas públicas vêm se constituindo no campo educacional com o intuito de solucionar este problema.

Os problemas cognitivos dos educandos, a falta de estrutura familiar, a necessidade de trabalhar, como também a baixa autoestima dos alunos, por não encontrarem, nas escolas, professores com práticas pedagógicas atrativas, nem conteúdos que atendam às suas necessidades, são considerados fatores que, somados, colaboram com a alta taxa de evasão nas escolas.

Sabemos que não basta trazer os alunos para as salas de aulas, é necessário buscar alternativas que façam com que cheguem à escola, e possa permanecer com todas as condições para que ocorra uma aprendizagem plena, de modo que não sejam motivados a abandonar a escola, para que se evite, portanto, que essa criança e esse adolescente abandonem a escola e voltem, mais tarde, se sentindo, muitas vezes, excluídos do processo. A má qualidade do ensino contribuiu para que um contingente de crianças e adolescentes não lograssem êxito com os estudos, gerando, assim, o fracasso escolar e a repetência. Nesses casos, o aluno não encontra mais sentido para frequentar a escola, o que gera o abandono dos estudos.

Vivemos, numa sociedade capitalista em que a escolarização aparece como pré-condição para a sobrevivência do ser humano na sociedade. As pessoas são obrigadas a trabalhar como forma de prover sua subsistência e, ao mesmo tempo, têm que batalhar por instrumentos que os levem até o trabalho, de modo que a escola é um desses instrumentos.

No entanto, as pessoas se deparam com uma contradição: enquanto o trabalho exige do trabalhador certo nível de escolaridade, este mesmo trabalho aparece muitas vezes como uma barreira para o aluno continuar seus estudos, fato este que contribui para a evasão escolar; visto que o horário de trabalho, na maioria das vezes, não é compatível com o horário das aulas.

1.2.1 Causas e Consequências da Evasão Escolar

Muitos podem ser os motivos e as causas da evasão escolar ao considerarem-se os fatores determinantes da ocorrência dos fenômenos, podendo classificá-las, agrupando-as da seguinte maneira: escola não atrativa, autoritária, professores despreparados, ausência de motivação, aluno desinteressado e indisciplinado, problema de saúde e de morte do progenitor(a), gravidez, casamento, problemas sociais como incompatibilidade de horário para os estudos e trabalho, violência escolar, etc. De

acordo com Ferreira (2011]), a evasão escolar se verifica em razão do somatório de vários fatores, e não, necessariamente, de um especificamente.

Paulo Freire (1988, *apud* DIOGO et al, 2014) diz que os alunos desmotivados na escola encontram a razão para tanto fora dela. Para esses alunos, diante dos atrativos da vida em sociedade, a escola passa para o segundo plano, ou muitas vezes não ocupa lugar algum.

Ainda, fora do cenário escolar, está à espera do aluno a cultura de consumo, que manipula o hábito dos sujeitos, a cultura subjetiva do sexo, da amizade, dos esportes, das drogas e da música. É necessário considerar que a escola se mantém atrasada, sem inovação, sem condições de competir com o mundo social. Para a escola “ganhar neste jogo” é preciso criatividade e inovação nas suas metodologias.

A faixa etária em que se encontram os alunos da EJA é a mais propícia a comportamentos de risco. Daí a importância do trabalho realizado pela escola que não deve estar preocupada apenas com a transmissão dos conteúdos pedagógicos, mas deve ter, também, como papel fundamental, oferecer uma educação de qualidade, ao criar condições necessárias para que esses jovens e adultos passem a ver a escola como um espaço atraente e prazeroso que possam frequentar, e não apenas como uma obrigação.

Segundo Azevedo (2006, p.22), os fatores que causam a evasão escolar são diversificados, e provêm da institucionalização da escola, que, concebida como instituição, desde sua gênese tem sido objeto de importação e de transplante cultural, dado o modelo socioeconômico do Brasil, nação dependente cultural e economicamente de países desenvolvidos.

Azevedo (2006, p.27) diz que as causas da evasão escolar são muitas e que algumas delas envolvem um contexto social maior e impossível de ser resolvido na instituição escolar, no entanto, se a escola conseguisse eliminar os problemas relacionados a ela, haveria um considerável avanço.

Segundo Santos M. A. (2007, *apud* Oliveira, 2013 p. 05), é importante pensar o trabalho pedagógico da EJA de forma que o educando participe do desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, os educadores têm a responsabilidade de criar uma dinâmica metodológica que atinja o interesse do educando, de maneira que a escola recupere seu objetivo social e combata o fracasso escolar, a repetência e a “evasão”. Ela chama a atenção para o fato de que o aluno da EJA é um aluno diferente, um pouco inseguro e

são as diversas derrotas vividas ao longo de um processo escolar, muitas vezes iniciado no ensino regular, que abalarão sua autoestima.

De acordo com Oliveira (2013), qualquer decepção sofrida na escola, por mínima que seja, faz com que este sujeito abandone o ambiente escolar. É neste contexto que a relação professor-aluno surge como peça fundamental, por ser o professor a pessoa mais próxima do aluno, a que lhe deve conferir todo suporte necessário que possa elevar a sua autoestima, desde o momento em que ele valoriza uma atividade realizada pelo aluno, como até mesmo ao dar oportunidade para que este aluno possa se expressar de modo que seja ouvido pelo professor.

Para Digiácomo (2007), são várias as causas da evasão escolar, vão desde a necessidade que o aluno tem de trabalhar, como forma de complementar a renda da família, até a baixa qualidade do ensino, que desestimula o aluno a frequentar as aulas, via de regra inexistem, salvo honrosas exceções, mecanismos efetivos e eficazes de combate à evasão escolar tanto em nível de escola quanto em nível de sistema de ensino, seja municipal, seja estadual.

Fomenta-se a luta no combate à evasão escolar com uma educação de qualidade, com professores capacitados, valorizados que se sintam estimulados a cumprir com o seu papel de educar. É necessário, também, que a escola apresente “um ambiente propício ao estudo e à aprendizagem, no qual o aluno se sinta estimulado a permanecer e a aprender”. (DIGIÁCOMO, 2007 p. 04).

A evasão escolar, assim como o da repetência, é considerado um dos maiores desafios enfrentados pelas escolas públicas no Brasil, posto que são vários os determinantes que levam os jovens e adultos a se evadirem das escolas, além de fatores relacionados à escola, em que professores, com suas práticas ultrapassadas, têm levado muitos alunos a não se interessarem mais pelos estudos.

A articulação entre formação geral e profissional é apontada, na visão de Di Pierro (2001), como um grande problema na educação de jovens e adultos. A autora afirma que a principal motivação declarada pelos estudantes em sala de aula é a melhoria profissional e ocupacional. Neste sentido, afirma a autora:

[...] ainda que o trabalho venha perdendo a centralidade que teve no passado recente na construção das identidades dos sujeitos e grupos sociais, ele continua a ser um fator importante nessa construção, especialmente nas camadas sociais em que ele é a fonte exclusiva para prover os meios de subsistência. (DI PIERRO, 2001, p.72).

Frise-se que a contratação das vagas de trabalho e o correspondente acirramento da competição no mercado laboral, hodiernamente, só veio tornar mais explícitas e urgentes as necessidades pela qualificação profissional das pessoas adultas. Tal necessidade faz com que muitos jovens e adultos voltem às salas de aula na modalidade EJA a fim de obter um certificado como título de conclusão, seja fundamental ou médio, para conseguir um trabalho. Mas aí surge um dos grandes desafios enfrentados por eles, que é tentar conciliar o trabalho com o estudo, fato que os levam, muitas vezes, a abandonar a escola porque não conseguem conciliar as atividades laborais e acadêmicas.

Segundo Cardoso (2007), embora já se tenha conhecimento das proposições e dos objetivos das funções a serem desenvolvidas, a escola continua a reproduzir valores sociais e culturais não condizentes com os contextos vividos pela maioria de seus alunos.

Advoga-se, aqui, que essa realidade acarreta sanções ao conhecimento sistematizado, as quais impedem que os conteúdos científicos sejam desenvolvidos de forma mais objetiva e contextualizada. Tais sanções resultam na falta de sentido entre o que é trabalhado na escola e as tarefas práticas que as crianças, jovens e adultos tentam realizar cotidianamente à sua função educativa de socializar o conhecimento público de uma forma mais direcionada, com relação à funcionalidade prática dos conteúdos escolares na vida de seus aprendizes.

Para Digiácomo (2007), as consequências da evasão escolar podem ser sentidas com mais intensidade nas cadeias públicas, penitenciárias e centros de internação de adolescentes em conflito com a lei, nos quais os percentuais de presos e internos analfabetos, semianalfabetos e/ou fora do sistema de ensino, quando da prática da infração que os levou ao encarceramento, margeiam e, em alguns casos, supera os 90% (noventa por cento).

Ainda acordo com Digiácomo (2007), é a falta de educação, no sentido mais amplo da palavra, e de uma educação de qualidade que seja atraente e não excludente – e não a pobreza em si considerada –, a verdadeira causa do vertiginoso aumento da violência que o Brasil vem enfrentando nos últimos anos.

Nas palavras de Digiácomo (2007), o combate à evasão escolar, nessa perspectiva, também surge como um eficaz instrumento de prevenção e combate à

violência e à imensa desigualdade social que assola o Brasil, fato que beneficia, assim, toda a sociedade.

Para verificar razões que levam à evasão escolar, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) realizou uma pesquisa entre os anos de 2004 e 2006, o qual foi divulgado em 2009.

A pesquisa revela que 40% dos jovens de 15 a 17 anos que se evadem deixam de estudar simplesmente porque acreditam que a escola é desinteressante. A necessidade de trabalhar é apontada como o segundo motivo pelo qual os jovens evadem-se, com 27% das respostas, e a dificuldade de acesso à escola aparece com 10,9%. De acordo com o coordenador da pesquisa, Marcelo Neri,

[...] o que a pesquisa está mostrando é que não basta garantir o acesso ou criar programas de transferência de renda para assegurar que esse jovem permaneça na escola. É preciso torná-la mais atrativa, interessante e cativante. O problema da evasão é grave, e atinge quase 20% da população de 15 a 17 anos. [...] Podemos ganhar todas as batalhas pela melhoria da qualidade da educação, adotando as melhores práticas educacionais, mas se não conseguimos convencer os principais protagonistas – que são as crianças, os adolescentes e seus pais, vamos perder a guerra. (FGV, 2009)

De acordo com essa pesquisa, a falta de interesse do aluno aparece como o maior motivo da evasão escolar no Brasil, cabendo, à escola, uma responsabilidade muito grande em procurar estratégias que levem esses alunos a se interessarem outra vez pelos estudos.

Mas não podemos apenas destacar os problemas, devemos sim conhecer os motivos para assim propor alternativas que possam ajudar a solucionar o problema, uma vez que,

As pessoas não estão atentas a esse problema, nem os governos, nem a opinião pública, nem a mídia, não se deram conta de que isto é uma bomba relógio. Estamos alimentando a exclusão desses jovens da entrada no mercado de trabalho moderno e, pior do que isso, excluindo o país de condições de competitividade no mercado internacional. (FGV, 2009,18)

E não se pode pensar em apenas uma solução, mas sim, em um conjunto de ações que sejam desenvolvidas tanto pela escola, pelos pais, pelos próprios alunos, como também pelo governo. O aluno da EJA precisa, mais do que qualquer aluno de outra modalidade de ensino, de uma prática diferenciada que tenha um significado para a sua vida. Uma das alternativas seria o incentivo com o trabalho de arte e cultura, onde se possa utilizar como instrumentos pedagógicos diferenciados.

O aluno da EJA é, na sua maioria, trabalhador de uma carga excessiva de trabalho, e, muitas vezes, trabalho pesado. A realidade desses alunos não é fácil e essa experiência cotidiana faz com que esses alunos não suportem chegar numa sala e assistir a aulas com métodos tradicionais. Cabe ao professor, no entanto, sabedoria para tentar mudar essa realidade, mesmo sabendo das dificuldades que é trabalhar com a EJA, pois,

É preciso dar a esses alunos a liberdade de construção, a possibilidade de expressarem livre e criticamente o seu pensamento, fazendo-os se sentirem parte do mundo, não apenas fisicamente, mas poderem entender que suas ideias estão contribuindo para o crescimento da sociedade de forma significava. (CAVALCANTE 2005, p.52).

Quem tem uma turma de EJA sabe das dificuldades de manter o interesse dos alunos que chegam cansados do trabalho, de planejar aulas que tenham relação com a vida deles e que não sejam uma versão empobrecida do que é dado a crianças e adolescentes.

2 CAMINHOS METODOLOGICOS DA PESQUISA: CONHECENDO OS SUJEITOS E PROCEDIMENTOS

A forma de pesquisa escolhida foi a quanti-qualitativa, onde esta tem caráter exploratório: estimulam os entrevistados a pensar e falar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos, atingem motivações não explícitas, ou mesmo não conscientes, de forma espontânea.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma entrevista semiestruturada onde os entrevistados ficaram totalmente à vontade para relatar e discutir sobre o tema da evasão escolar. Esta forma de entrevista foi selecionada por justamente respeitar e valorizar os pensamentos e discussões que ali eram trabalhados.

A entrevista foi feita de forma previamente agendada com os sujeitos participantes, onde também aplicamos anteriormente um questionário com perguntas abertas e também fechadas, na medida em que iam sendo respondidas, essas informações eram anotadas e a partir dessas informações foram construídos os resultados e as possíveis soluções dando ênfase a comentários e frases ali mencionados através da análise de conteúdo de Bardin (1977).

2.1 Descrevendo o campo de estudo e os sujeitos de pesquisa

O Campo de pesquisa selecionado foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luzia Simões Bartolini, que atende moradores do bairro Jardim Planalto e adjacências em João Pessoa/PB.

Este bairro é bem provido no que diz respeito a supermercados, farmácias, igrejas, policlínicas, escolas, posto de polícia militar, feira livre, lojas de utilidades domésticas, ou seja, sua infraestrutura possibilita à comunidade o atendimento das necessidades básicas.

Quanto aos sujeitos participantes da pesquisa, temos alunos e alunas da EJA que são trabalhadores, desempregados, pais e mães de família. O público atendido pela EJA, conta com um número de 108 alunos matriculados no turno da noite, assim distribuído: 5ª série (24), 6ª série (17), 7ª série (28) e 8ª série (39).

2.1.1 Estrutura física e pedagógica da escola campo de pesquisa.

O prédio desta unidade escolar possui estrutura padronizada para escola, compreendendo uma área de 2.783,71 m². Sendo aproximadamente 1.885,00 de área construída, apresentando boa qualidade.



A escola conta com dez salas de aulas, uma sala para os professores, uma secretaria, sala para direção dos gestores, biblioteca, laboratório de informática, com

laboratório de ciências, auditório, quadra de esportes, uma cantina, almoxarifado e bebedouros.

No que se refere ao quadro de funcionários, conta-se com (01) uma secretária, (15) quinze professores, (02) dois vigilantes, (04) quatro agentes administrativos, (01) uma diretora geral, (01) um inspetor e (03) três merendeiras.



2.1. 2 Dados de matrícula, evasão escolar, transferência e reprovação na EJA da escola pesquisada.

Através de um levantamento de dados na escola, fornecidos pela secretaria da E.E.E.F.M.L.S.B instituição de ensino pesquisada, podemos observar que existe dificuldade dos alunos em permanecerem na escola, e o que ocorre é que eles acabam se evadindo.

Nos quadros a seguir apresentamos a realidade da evasão escolar na E.E.E.F.M.L.S. B nas turmas de EJA no turno noturno, nos anos de 2011 a 2013.

QUADRO 01 – TAXAS DE EVASAO ESCOLAR NO ANO DE 2011

1ºSemestre 2011.1						
Turmas	Nº de alunos	Aprovado	Reprovado	Transferido	Desistente	% de Alunos

						Desistentes
5°	16 alunos	03	01	0	12	75%
6°	19 alunos	04	01	01	13	70%
7°	46 alunos	13	08	01	23	50%
8°	25 alunos	17	02	01	05	20%
2ºSemestre 2011.2						
Turmas	Nº de alunos	Aprovado	Reprovado	Transferido	Desistente	% de Alunos Desistentes
5°	14 alunos	04	0	0	10	71,43%
6°	12 alunos	03	02	0	07	58,33%
7°	16 alunos	07	0	0	10	58,33%
8°	18 alunos	07	0	01	10	56,25%

Fonte: de dados fornecidos pela secretaria da escola

De acordo com o quadro I, podemos observa que o número de evasão é muito preocupante, indicando que mais de 50% dos alunos desistiram de estudar no ano de 2011.

QUADRO 02 – TAXAS DE EVASAO ESCOLAR NO ANO DE 2012

2º Semestre 2012.1						
Turmas	Nº de alunos	Aprovado	Reprovado	Transferido	Desistente	% de Alunos Desistentes
5°	32 alunos	06	01	01	24	75%
6°	6 alunos	09	06	0	11	48%
7°	39alunos	13	02	0	24	65%
8°	37alunos	16	01	0	20	54,5%
2ºSemestre 2012.2						
Turmas	Nº de alunos	Aprovado	Reprovado	Transferido	Desistente	% de Alunos Desistentes
5°	14 alunos	02	0	0	12	80%
6°	10alunos	05	0	0	05	50%
7°	23alunos	07	0	0	16	70%
8°	25alunos	09	0	0	16	49%

Fonte: de dados fornecidos pela secretaria da escola.

No quadro II, podemos ver que o número de evasão escolar ainda continua em alta, com o índice muito alto no ensino fundamental II, em que muitos alunos se matriculam, mas, acabam abandonando a escola.

QUADRO 03 – TAXAS DE EVASAO ESCOLAR NO ANO DE 2013

2ºSemestre 2013.1						
Turmas	Nº de alunos	Aprovado	Reprova do	Transferido	Desistente	% de Alunos Desistentes
5º	29alunos	08	06	01	14	48,27%
6º	18alunos	05	01	0	12	66,66%
7º	42 alunos	19	0	01	25	59,52%
8º	43alunos	19	0	0	24	55,81%
2ºSemestre 2013.2						
Turmas	Nº de alunos	Aprovado	Reprova do	Transferido	Desistente	% de Alunos Desistentes
5º	7 alunos	01	01	01	04	51,25%
6º	10 alunos	06	01	01	03	30%
7º	16 alunos	07	0	0	09	50,50%
8º	26 alunos	14	02	0	10	25,78%

Fonte: de dados fornecidos pela secretaria da escola.

De acordo com o III quadro, a situação da evasão escolar na E.E.E.F. M, L.S. B. ainda continua sendo um dado muito preocupante, que vai da 5º a 8º serie do ensino fundamental II, onde percebemos que no final de 2013 na 5º serie ainda existe uma desistência significativa por parte dos alunos. Já na 8º serie, o numero de desistentes caiu para 25,78% de alunos que chegaram ate o final do ano letivo.

Diante desta realidade percebe-se que cabe á escola, mesmo que não seja ela a principal responsável pela não permanência dos alunos nas escolas, para que este fenômeno seja erradicado, a escola tem que planejar alternativas que motivem os alunos para permanecerem estudando.

Apesar destes dados de evasão serem significativos, acreditamos no esforço daqueles que pertencem a EJA, na qualidade de pessoas jovens e adultas pertencentes em sua maioria a classe social de renda baixa, devendo a escola também assumir uma postura, no sentido de buscar desenvolver iniciativas que venham amenizar a ocorrência do fenômeno da evasão escolar.

2.2 Técnicas de Coleta de Dados

As técnicas são os procedimentos sistematizados que oferecem uma mediação para a realização de pesquisas. Assim são utilizadas em diversos e diferentes tipos de metodologia e firmadas em diferentes epistemologias, Porém, e claro, que se faz necessário à compatibilidade dos métodos adquiridos com os paradigmas epistemológicos adotados.

Para a nossa pesquisa, escolhemos duas técnicas de coleta de dados: a entrevista e o questionário.

A entrevista é uma técnica de coletar dados, sobre um determinado assunto, que se deseja coletar informações. É uma interação entre pesquisador e pesquisado. Esse método é muito usado no campo de Ciências Humanas, a ideia do pesquisador, e fazer que o pesquisado, interagem de modo que fale, pense, represente ou argumente. (SEVERINO, 2007)

Em nossa pesquisa selecionamos o tipo de entrevista semiestruturada, a qual, caracteriza-se pela existência de um guia previamente preparado, que tem a função de servir como ponto norteador para a execução da entrevista, da a possibilidade de vários pesquisados responderem a mesma questão, além disso não há um ordem estabelecida para as questões, geralmente avulsas e o desenvolvimento da entrevista vai se adaptando ao pesquisado. (BELL, 1997)

Para tanto, o roteiro de entrevista elaborado para a pesquisa contou com 12 (doze) questões, onde 08 sujeitos foram selecionados após o levantamento e verificação de quais alunos havia retornado para a Educação de Jovens e Adultos e por também apresentarem o perfil no tocante a evasão escolar em idade regular, ou seja, no ensino fundamental.

Quanto ao questionário, esta foi outra técnica de coleta utilizada, e caracteriza-se por ser um conjunto de questões sistematizadas e articuladas, com a finalidade de levantar informações escritas por parte dos sujeitos investigados, com intuito de conhecer a ideia dos mesmos sobre os assuntos discutidos. Para tal, coloca-se uma série de ideias que abrangem um tema de interesse para os investigadores. (SEVERINO, 2007, p.125).

No que se refere ao roteiro de questionário, este contou com 14 (catorze) questões, sendo 06 (seis) abertas, 07 (sete) fechadas, 01 (uma) mista e foi aplicado com

uma população de 40 alunos. Vale destacar que as questões de resposta aberta consentem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, consentindo deste modo à liberdade de expressão. Já as questões de respostas fechadas são aquelas nas quais o inquirido apenas seleciona a opção (entre as apresentadas), que mais se adequam à sua opinião. (SEVERINO, 2007)

Também é usual aparecerem questões dos dois tipos no mesmo questionário, sendo este considerado misto. Ao administrar o questionário, o investigador opta o tipo de questão a apresentar de acordo com o fim para o qual a informação é usada, as propriedades da população em estudo e o método escolhido para divulgar os resultados, tendo em conta as vantagens e desvantagens de cada tipo de respostas.

As técnicas de coleta de dados selecionadas nos permitiram enquanto pesquisadores, buscar e estudar os fenômenos de evasão escolar e as motivações dos sujeitos para retomarem os estudos na idade adulta.

2.3 Tipo de Análise adotado na pesquisa

Para este trabalho de pesquisa selecionamos a análise de conteúdo por ser um conjunto de técnicas que se vale da comunicação como ponto de partida. Diferente de outras técnicas como a estocagem ou indexação de informações, crítica literária, é sempre feita a partir da mensagem e tem por finalidade a produção de deduções.

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo passa a ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 1977).

Trivinos (1987) explica a importância do método na pesquisa qualitativa como um conjunto de técnicas. Dessa forma, não é possível fazermos mudanças se não dominarmos os conceitos básicos das teorias que estariam alimentando o conteúdo das mensagens.

Outro aspecto que é considerado se dá pela inferência que pode partir das informações dadas pelo conteúdo das mensagens, ou das premissas que se levantam como resultado do estudo dos dados que se oferecem à comunicação. É ressaltada

também três etapas assinaladas por Bardin (1977), como sendo básicas no trabalho com a análise de conteúdo.

A pré-análise: O procedimento de coleta e a apreciação de dados em sua fase inicial parte dos objetivos da pesquisa, que foram a base para a formação do instrumento de coleta de dados. Nessa fase é necessário que se observe os possíveis métodos da análise de conteúdo. Feito isso, deve-se estabelecer o corpus central que apoiará a análise de dados, etapa póstuma à coleta de dados. A constituição do corpus é possível a partir da leitura e análise da literatura selecionada, permitindo criar deduções em relação ao objeto e ao seu entorno.

A descrição analítica: A segunda fase do processo de coleta e análise de dados parte das subcategorias importantes, definidas na etapa antecedente, às quais se somam as inferências do pesquisador sugestivo ao objeto de pesquisa, visando-se estabelecer o segundo instrumento de coleta de dados, a entrevista. Nessa fase, as inferências são baseais para a construção dos tópicos do instrumento, pois é a partir delas que é provável constituir as dimensões e relações para a análise, que possibilitará a construção de novo corpus teórico.

A Interpretação referencial: A terceira e última fase do processo de coleta e análise de dados que compõem o corpus teórico estabelecido, para atingir a interpretação da análise. Novas deduções poderão ser realizadas pelo pesquisador em relação ao objeto de pesquisa, mesmo que não tenha sido previstas. Porém, as interpretações devem estar firmadas em provas de validação, isto é, na própria literatura de especialidade ou nas práticas ressaltadas no ambiente pesquisado. Nessa fase, a interpretação é importante, mas deve estar claramente incluída ao corpus existente, de modo que seja validada pelo o conjunto científico da área. Finalmente, organizar os resultados com os objetivos iniciais, procurando a construção de dados científicos sobre o elemento pesquisado.

Além destas etapas no processo de análise de conteúdo, outra etapa que é fundamental na construção textual faz referencia ao recorte de análise. O recorte deve alcançar o sentido profundo do conteúdo ou passar ao largo das ideias essenciais. Os elementos assim recortados vão constituir as unidades de análise, ditas também unidades de classificação ou de registro. As unidades consistem em fragmentos do discurso manifesto como palavras, expressões, frases ou ainda ideias referentes a temas recortados (LAVILLE & DIONNE, 1999)

A análise de conteúdo atua sobre a linguagem, a fala, descreve, avalia e explica mensagens e enunciados, de varias maneiras de preleção, buscando encontrar os significados atrás das palavras. Os discursos podem ser informados de diversas formas variadas de comunicação, alcançados através de perguntas, entrevistas e depoimentos.

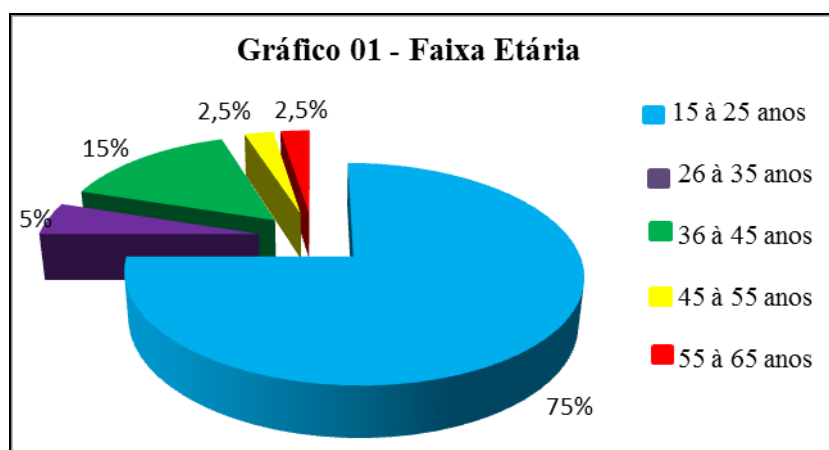
3. DISCUSSÃO E CONSTATAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta seção apresentaremos os dados com suas variáveis e indicadores coletados a partir do questionário aplicado com os alunos da Educação de Jovens e Adultos quando tratamos do estudo sobre evasão e escolar e motivações para retomar os estudos na modalidade de EJA.

3.1 Apresentando os dados do questionário

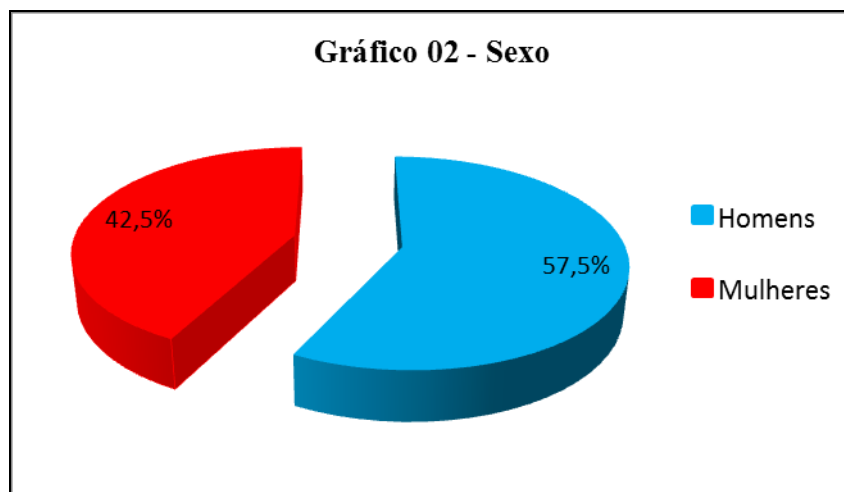
Os dados apresentados a seguir, tem a finalidade de trazer explicações sobre a evasão escolar e o retorno em sala em EJA, em estatística, contribuindo para o conhecimento em números em relação aos anos anteriores.

Inicialmente, apresentamos a variável de faixa etária dos nossos sujeitos de pesquisa, onde obtivemos os seguintes dados destacados no gráfico 01.



Com relação à faixa etária, o gráfico 01 retrata, em porcentagem, a idade dos alunos da EJA que participaram da pesquisa: onde 75%, ou seja, 30 alunos tem entre 15 a 25 anos, 02 alunos tem entre 26 a 35 anos, 06 alunos tem entre 36 a 45 anos, 01 tem entre 45 a 55 anos, e 01 tem entre 55 a 65anos.

Quanto ao sexo dos sujeitos participantes da pesquisa temos no gráfico 02, os percentuais a seguir.



Podemos observar no que diz respeito ao sexo que a maioria dos participantes da pesquisa se constitui de 57,5% (23) homens e 42,5% (17) mulheres.

Quanto à profissão que ocupam no mundo do trabalho, os alunos (as) da EJA que se encontram matriculados na escola onde ocorreu a pesquisa, desempenham as seguintes funções, conforme apresentadas no quadro 04.

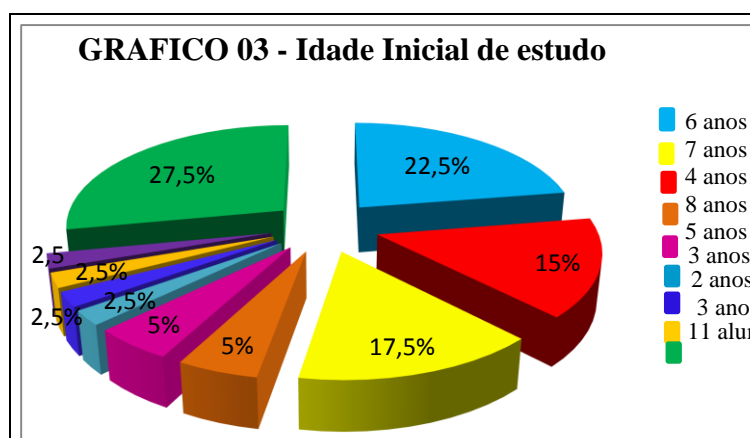
QUADRO 04 – PROFISSOES

Alunos	Profissão
01 A	Comerciante
01 A	Mecânico
01 A	Manicure
01 A	Tecelã
01 A	Vendedor
01 A	Baba e domestica
01 A	Musico
01 A	Serralheiro
01 A	Servente
01 A	Operador de maquinas
30 A	Não responderam a questão
40	TOTAL

No que diz respeito ao exercício profissional apenas 10 entre 40 alunos que responderam o questionário descreveram sua profissão. As profissões conforme o

quadro 04 apresenta são as mais variadas possíveis, as quais se encontram nos patamares do mercado formal e informal de trabalho.

Outra variável apontada no questionário diz respeito à idade que os sujeitos participantes da pesquisa iniciaram seus estudos como se encontra apresentado no gráfico 03, uma vez que estes constituem o grupo atendido pela modalidade de EJA, ao analisarmos as questões de ordem da evasão escolar destes na idade regular e suas motivações para retornarem aos estudos.



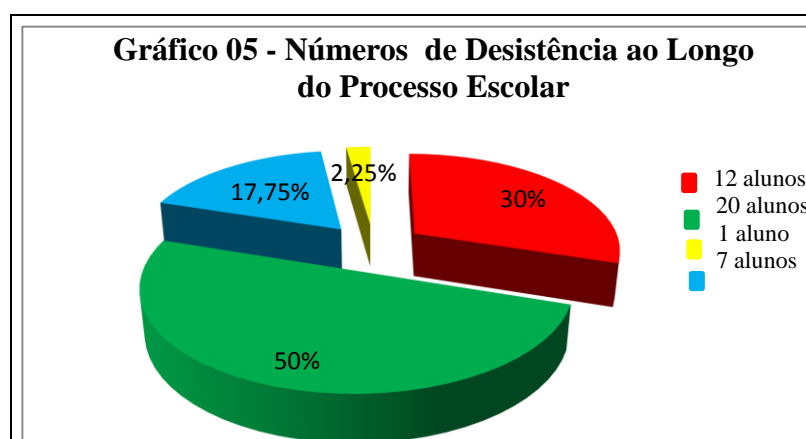
No que diz respeito à idade em que os sujeitos começaram a estudar, o gráfico 03 mostra que 22,5% (09) alunos começaram a estudar com 06 anos, 17, 5% (07) com 07 anos, 15 % (06) com 04 anos, 5% (02) começaram a estudar com 8 anos, 5% (02) com 05 anos, 2,5% (01) aluno com 03 anos, 2,5% (01) com 2 anos, 2,5% (01) dos alunos não lembrou a idade em que começou a estudar, e por fim, 27,5% (11) alunos não responderam a questão.

Sobre a desistência do processo de escolarização em algum momento da vida, indagamos aos nossos participantes e tivemos como resultado o que se encontra no gráfico 04.



O gráfico mostra que 32 alunos responderam que por algum motivo tiveram que desistir do processo de escolarização com a porcentagem de 80%, e 08 alunos falaram que nunca desistiram do processo de escolarização totalizando 20%. A desistência desses alunos, ocorre por fatores como :trabalho, problemas de saúde, problemas sociais e econômicos.

Em complementação a variável sobre a desistência do processo de escolarização, se fez necessário em caso afirmativo, assinalar a quantidade de vezes em que se deu este fenômeno (desistência-evasão). No gráfico 05 se encontra expresso este resultado.



De acordo com a pergunta do questionário 30% (12) alunos responderam que desistiram uma vez do processo escolar, e 50% (20) alunos falaram que desistiram entre 2 a 3 vezes, 2,25% (01) aluno falou que desistiu mais de 4 vezes, e 17,75% (07) alunos disseram que nunca desistiram do processo escolar.

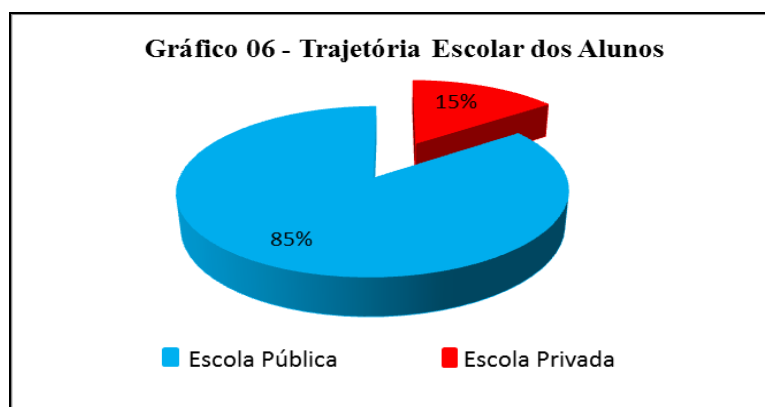
A seguir apresentamos as motivações que os alunos da EJA após terem desistido do ensino fundamental em idade regular, elencaram para retornar aos estudos agora na EJA, solicitando que os mesmos apresentassem sua justificativa. Gráfico 05.

QUADRO 05 – MOTIVACOES PARA RETORNAR AO PROCESSO DE ESCOLARIZACAO

Alunos	Motivações
21 A	Trabalho
10 A	Conclusão do nível médio
09 A	Não responderam a questão
TOTAL	
40	

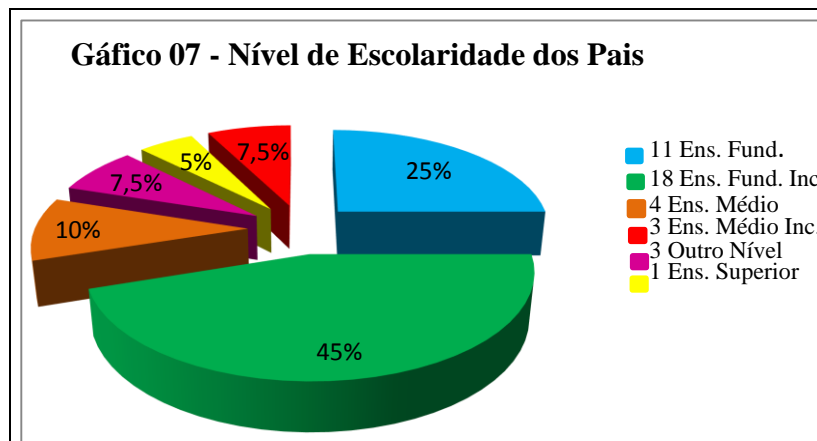
Analisando os dados do quadro 02 observamos que 52,5% (21) dos alunos responderam que voltaram ao processo escolar, foi por uma qualificação melhor no mercado de trabalho, 25% (10) alunos responderam que a volta foi para concluir o ensino médio e 22,5% (09) alunos não responderam a questão.

Conhecer se a trajetória escolar dos alunos da EJA foi realizada sempre em escola publica foi uma necessidade apresentada no percurso de pesquisa e no gráfico 06, verificamos os resultados.



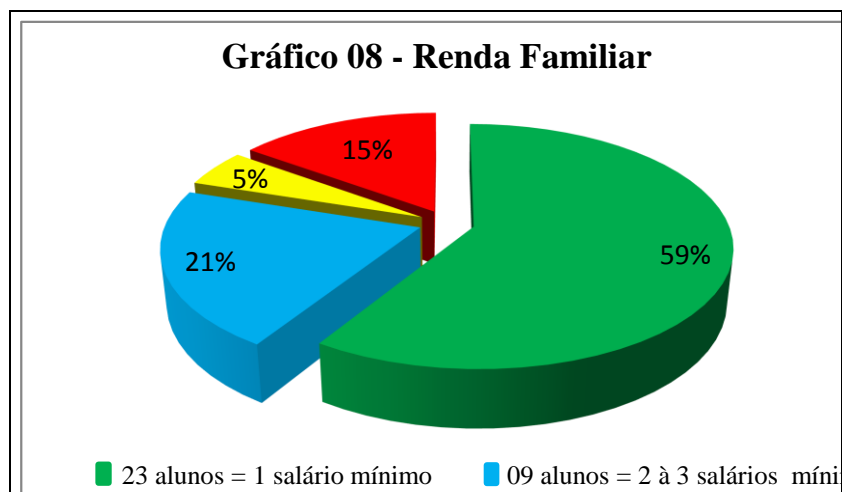
Observamos nessa questão que 85% (34) alunos sempre estudaram em escola publica, 15% (06) alunos disseram que haviam estudado em escola da rede privada.

Conhecer o nível de escolaridade dos pais dos participantes da pesquisa foi importante para observarmos se a trajetória escolar destes e sua relação com o fenômeno da desistência-evasão, em algum momento se repetiu na historia do processo de escolarização de seus filhos, agora, alunos da EJA. Gráfico 07.



De acordo com o resultado, observamos que 25% (11) alunos responderam que os pais tem o ensino fundamental completo, 45% (18) alunos falaram que os pais tem o ensino fundamental incompleto, 10% (04) alunos relataram que os seus genitores concluíram o ensino médio, 7,5% (03) alunos disseram que os pais tinham o nível médio incompleto, 5% (01) aluno afirmou que os pais concluíram o ensino superior, e 7,5% (03) alunos responderam que os pais tinham outro nível de escolarização, mas, não especificaram.

No que diz respeito à renda salarial familiar dos alunos da EJA que participaram da pesquisa, observamos o resultado no gráfico 08.



Quanto à renda familiar 59% (23) alunos responderam que esta se constitui de um salário mínimo, 21% (09) disseram que a renda chega ser de 2 a 3 salários mínimos,

5% (02) disseram que a renda é composta de 04 salários mínimos, e 15% (06) alunos não responderam a questão.

3.2 Análise da entrevista

Os sujeitos que participaram desta pesquisa são pessoas jovens e adultas, com as quais inicialmente aplicamos o questionário, totalizando um universo de 40 (quarenta) alunos, tendo sido selecionados para a fase da entrevista, apenas oito (08) na faixa etária entre 18 e 49 anos, sendo dois (02) do sexo masculino e seis (06) do sexo feminino.

A amostra aqui representada por 08 (oito) alunos se deve ao fato de que estes ao terem sido alunos do ensino fundamental em idade regular diurna, em algum momento se evadiram da escola e retornaram aos estudos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Os nomes aqui apresentados são fictícios e foram escolhidos de forma a preservar suas identidades. Assim temos, entre os /as jovens e adultos, Jorge, Luiz, Nilda, Marcia, Lúcia, Rosa, Ana, e Maria.

Sobre a descrição da vida escolar dos alunos da EJA quando criança, ou seja, acontecimentos que marcaram de forma positiva e também negativa a sua passagem pela escola, os mesmos assim descreveram.

QUADRO 06 – DESCRIÇÃO DA VIDA ESCOLAR

ALUNO	RESPOSTA
Jorge 18 anos	“Acontecimentos marcantes foram o aprendizado, os professores e as amizades”.
Luiz 49 anos	“A escola era muito boa e gostava dos professores, tinha problema para aprender a ler e escrever”.
Nilda 35 anos	“Lembrança boa não tem, passei muita fome quando criança apanhei muito, e fui abusada sexualmente”.
Marcia 36 anos	“Era ótimo tive muitos momentos bons, amizades, tinha uma professora maravilhosa, ela nos incentivava sempre a estudar”.
Lucia 43 anos	“Minha vida escolar sempre foi boa tiveram acontecimentos bons e não tive nem um momento negativo”.
Rosa 29 anos	“Foi boa, a escola era considerada boa, era uma escola de freiras coração divino.”
Ana 38 anos	“quando eu era criança morava no sítio, com meus pais e eles eram quem pagava a professora para nos dar aula, o ruim foi por que passei muito tempo sem estudar estou voltando agora.”
Maria 38 anos	“Não lembro muito sobre isso não.”

De acordo com as respostas dos alunos no quadro 04, podemos verificar que 04 alunos ao descreverem a sua vida escolar destacam que a relação professor e aluno, como também, alunos e colegas configuravam um momento marcante pelo convívio proporcionado na fase da vida escolar, mas, também outros apontaram as próprias dificuldades vivenciadas quanto ao processo de aprendizagem. Enquanto 02 alunos (A3 e A8), afirmaram não ter muitas lembranças boas em virtude dos momentos difíceis experimentados no âmbito familiar e ainda, o fato do aluno A8, descrever que não lembrava os fatos escolares que tinha vivenciado na escola.

Quanto a este fato referenciado pelo A8, nos apoiamos no que Froebel (1826) afirma.

[...] Isso tudo levava ao princípio de que a educação deveria trabalhar os conceitos de unidade e harmonia. A importância do autoconhecimento não se limitava à esfera individual, mas seria ainda um meio de tornar melhor a vida em sociedade.

Foi possível observar que o aluno no ensino fundamental tinham boas lembranças na vida escolar, desfazendo assim, qualquer ideia que a desistência de estudar fosse pela a razão, a escola, e sim por outros fatores.

Quando perguntados sobre os motivos que contribuíram para a saída da escola no ensino fundamental na fase de infância, os alunos da EJA relataram.

QUADRO 07 – MOTIVOS PARA DEIXAR A ESCOLA

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 18 anos	“Nem um motivo”
Luiz 49 anos	“Foi por causa do trabalho, comecei a trabalhar muito cedo”
Nilda 35 anos	Motivo foi trabalho infantil, precisei trabalhar muito cedo para ajudar em casa.”.
Marcia 36 anos	“Houve a desistência aos 13 anos de idade razão psicológica”. (vaidade na adolescência)
Lucia 43 anos	“Necessidade foi trabalhar, mas o principal motivo era que eu não queria estudar.”
Rosa 29 anos	“Quando era criança o que me fez sair da escola foi por que ia pra escola e a professora faltava muito”.
Ana 38 anos	“Precisei trabalhar muito cedo por isso abandonei a escola.”
Maria 38	“Os motivos que me levaram a sair da escola foram por que me casei aos

anos	16 anos, e fui mãe aos 17 anos, sempre cuidei dos meus filhos não tinha ninguém pra ficar com eles, agora que já estão todos criados retornei a estudar.”
-------------	---

Podemos observar que os alunos que desistiram no ensino fundamental, apresentaram os motivos pelos quais resolveram se evadir da escola, entre eles, Luiz, Nilda, Marcia e Ana, desistiram pela necessidade profissional, ou seja, que precisaram trabalhar em sua idade regular de estudo, ou seja, ainda quando crianças, tendo assim que abandonar os estudos.

Para o IBGE/PNAD (2009) se faz necessário observar que apesar destes dados, não se aponta a escola como culpada, mas, reflete as razões que surgem neste contexto histórico, entre fatores sociais, econômicos, e ainda nos faz perceber a necessidade de criar políticas públicas educacionais que possibilitem soluções plausíveis para a erradicação do analfabetismo. (Disponível em <http://www.ibge.gov.br/>)

A realidade dos alunos atualmente, não é diferente, muitos evadiram no ensino fundamental, por razões de saúde, emocionais, no entanto a grande maioria dos alunos, desistiram por questões econômicas, ou seja. Pela a necessidade de trabalhar, abandonando assim os estudos.

Conhecer o cotidiano dos alunos da EJA, enfim, atividades que eles realizam no dia a dia em relação a trabalho, lazer, família, etc, foi outra questão tratada na entrevista, e eles então descreveram em seus depoimentos a seguir.

QUADRO 08 – COTIDIANO DOS ALUNOS DA EJA

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 18 anos	“Trabalho, faço aula de dança, vou à igreja, e gosto de sair com os amigos.”
Luiz 49 anos	“Trabalho durante o dia, e nas horas vagas gosto de ler notícias de jornais.”
Nilda 35 anos	“Trabalho em uma indústria têxtil, quando tenho tempo gosto de passear com meus filhos.”
Marcia 36 anos	“Sou dona de casa, cuido dos meus filhos, passeio em família é o lazer preferido.”
Lucia 43 anos	“A minha rotina é trabalhar em casa mesmo, cuidar dos meus netos, sou bem caseira gosto de limpar a casa.”
Rosa 29 anos	“Trabalho de diarista cuido de criança, e no final de semana vou à praia com as amigas.”
Ana 38	“Trabalho e gosto de ficar em casa com meus filhos.”

anos	
Maria 38 anos	“Sou dona de casa e não saio muito, a minha diversão preferida por incrível que pareça e quando vou pra escola.”

Podemos notar que oito (08) participantes da entrevista desenvolve alguma laboral durante o dia, e que todos têm maneiras diversificadas de lazer. O que nos possibilita compreender que apesar do trabalho e do estudo buscam alternativas para fazer algo diferente no cotidiano.

Já na fala de Maria, observamos que apesar desta não ter um lazer diferenciado como o de seus colegas, para ela, o lazer se encontra no ato de frequentar a escola para estudar. Diante dessa fala, percebemos que a sua motivação, a qual conta como forma de lazer se encontra voltada para o processo de escolarização.

Ao passarem pelo processo de evasão escolar no ensino fundamental quando crianças, os alunos da EJA decidiram retomar os estudos agora na fase adulta e para a pesquisa se fez importante identificar os motivos que os levaram a voltar para a escola. Os depoimentos no quadro 09 expressam os motivos.

QUADRO 09 – MOTIVACOES PARA RETORNAR AOS ESTUDOS

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 18 anos	“Arrumar um emprego.”
Luiz 49 anos	“Obter mais conhecimentos, e melhorar minha aprendizagem.”
Nilda 35 anos	“Voltei a estudar por incentivo dos meus filhos.”
Marcia 36 anos	“Concluir o ensino médio, e si possível entrar em um curso superior.”
Lucia 43 anos	“Por que quis terminar os estudos e fazer um curso.”
Rosa 29 anos	“O que me fez voltar a estudar, foi por falta de emprego, por que hoje só arruma emprego quem tem estudo.”
Ana 38 anos	“Pra concluir meus estudos.”
Maria 38 anos	“Vontade de voltar a estudar e terminar meus estudos e tentar obter mais conhecimentos”

De acordo com as falas dos alunos entrevistados, podemos constatar que partes dos alunos resolveram voltar ao processo de escolarização, com o objetivo de concluir o

ensino médio, e assim conseguir melhores condições de trabalho. Segundo Di Pierro (2001, p.72)

[...] ainda que o trabalho venha perdendo a centralidade que teve no passado recente na construção das identidades dos sujeitos e grupos sociais, ele continua a ser um fator importante nessa construção, especialmente nas camadas sociais em que ele é a fonte exclusiva para prover os meios de subsistência.

Assim constata-se que os alunos visam a vida profissional e melhores condições de vida.

Sobre o comportamento na escola quando criança no ensino fundamental, e hoje enquanto aluno da EJA após decidirem retomar os estudos, os alunos assim se posicionaram.

QUADRO 10 – COMPORTAMENTO ESCOLAR QUANDO CRIANÇA E ADULTO

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 18 anos	“Enquanto criança aluno exemplar, hoje digamos regular.”
Luiz 49 anos	“Sempre fui uma criança calma gostava muito das aulas, só tinha dificuldade de aprender.”
Nilda 35 anos	“Quando criança eu era uma pessoa muito impaciente, hoje eu presto mais atenção nas aulas tudo é novo para mim a cada dia eu aprendo com os professores.”
Marcia 36 anos	“Tinha um comportamento bom, gostava de estudar, conversava em sala, hoje gosto de observa as aulas e sou discreta.”
Lucia 43 anos	“Era uma criança educada, tinha um bom comportamento, hoje sou uma pessoa calma, mas tenho meus momentos de stress com os professores.”
Rosa 29 anos	“Bem quando eu era criança eu não, sei dizer, por que realmente eu não estudava hoje eu tenho um comportamento muito bom apesar do tempo pra mim é muito corrido.”
Ana 38 anos	“Meu comportamento era normal, civilizado.”
Maria 38 anos	“Sempre fui uma aluna comportada não gosto de muita conversa em sala de aula”

Diante das respostas, podemos perceber que os alunos em sua maioria, no ensino fundamental, declara bom comportamento, e demonstravam bons relacionamentos com os colegas de sala e professores, o que não se diferencia da realidade atual enquanto alunos da EJA, ou seja, nos depoimentos podemos perceber que não houve alterações no que diz respeito a comportamento e socialização entre si, colegas e professores.

Para além da evasão escolar, temos outro fenômeno que comumente se repete que é a reprovação. Sendo assim, perguntamos aos nossos entrevistados, se em caso de reprovação (ensino fundamental regular e EJA), quais os motivos que poderiam ter contribuído para tal fato.

QUADRO 11 – MOTIVOS PARA A REPROVACAO

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 18 anos	“Reprovado e desistência.”
Luiz 49 anos	“Reprovado nas disciplinas de português, e matemática.”
Nilda 35 anos	“Repeti a segunda serie cinco vezes.”
Marcia 36 anos	“Tive problemas de saúde, quando estava cursando o ensino fundamental.”
Lucia 43 anos	“a necessidade de trabalhar e o principal motivo foi que não tinha mais vontade de estudar.”
Rosa 29 anos	“Era porque eu morava no sitio e a escola que tinha a professora não queria trabalhar, e agora por causa do trabalho.”
Ana 38 anos	“Dificuldade na aprendizagem.”
Maria 38 anos	“Nunca repeti enquanto criança, e nem agora também na EJA, mas parei de estudar por que casei aos 16 anos, e retornei agora na EJA.”

Podemos perceber que entre os alunos entrevistados, as causas para a reprovação são de várias vertentes, como a desistência, a carga horária do trabalho, problemas de saúde, a distância entre a casa e escola e motivações pedagógicas.

Mediante a questão da reprovação aqui indicada nas falas dos entrevistados, observamos sua relação direta com a evasão escolar. Para Digiácomo (2007, p.01), são várias as causas da evasão escolar, vão desde a necessidade que o aluno tem de trabalhar, como forma de complementar a renda da família, até a baixa qualidade do ensino, que desestimula o aluno a frequentar as aulas.

No Brasil, a repetência tem sido vista com um dos grandes dilemas, enfrentados no sistema publico de educação, e são várias as razões que levam jovens e adultos a evasão escolar, desde problemas sociais, econômicos, emocionais e também políticos.

Conhecer a importância que a escola tem para os alunos da EJA e também as expectativas destes sobre esta instituição social e educativa possibilitou a expressividade dos nossos sujeitos de pesquisa, quando descreveram estes fatos.

QUADRO 12 – IMPORTÂNCIAS E EXPECTATIVAS DOS ALUNOS DA EJA

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 19 anos	“Um ensino melhor e benefícios melhores.”
Luiz 49 anos	“Desenvolver o conhecimento da leitura, e melhoria na educação.”
Nilda 35 anos	“A importância para mim é tudo, quero muito aprender a ler e a escrever corretamente.”
Marcia 36 anos	“É importante por que sempre aprendi a fazer amizades melhorar em tudo, melhoria na estrutura pedagógica.”
Lucia 43 anos	“Acredito que é tudo, que dá um futuro melhor, melhoria quanto a estrutura e interesse dos alunos.”
Rosa 29 anos	“A escola é tudo na vida da gente, melhoria na educação.”
Ana 38 anos	“Aprender a ler e a escrever, materiais didáticos como livros.”
Maria 38 anos	“A escola é de grande importância para mim e espero que ela me ajude a chegar onde eu quero.”

Os alunos Jorge, Luiz, Marcia e Rosa, defendem que a escola é importante para a vida, porém, em seus depoimentos, indicam a necessidade de uma educação de qualidade, referindo-se a educação de jovens e adultos, buscando um processo de ensino melhor e com boas condições de aprendizagem. Como afirma Gadotti (2009, p.07):

Qualidade é a categoria central deste novo paradigma de educação sustentável (...). Mas ela não está separada da quantidade (grifo do autor). Até agora, entre nós, só tivemos, de fato, uma educação de qualidade para poucos. Precisamos construir uma “nova qualidade”, como dizia o educador Paulo Freire (1921-1997), que consiga acolher a todos e a todas. (...) Qualidade significa melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas. Na educação, a qualidade está ligada diretamente ao bem-viver de todas as nossas comunidades, a partir da comunidade escolar. A qualidade na educação não pode ser boa se a qualidade do professor, do aluno, da comunidade é ruim. Não podemos separar a qualidade da educação da qualidade como um todo, como se fosse possível ser de qualidade ao entrar na escola e piorar a qualidade ao sair dela. Por isso, o tema qualidade é tão complexo. Não basta melhorar um aspecto para melhorar a educação como um todo. (...) Um conjunto de fatores contribui para a qualidade na educação.

De acordo com o expresso pelos alunos da EJA e Gadotti (2009), a busca por uma educação de qualidade passa a ser uma bandeira de luta e de reivindicação de todos os sujeitos que desejam ou um dia acessaram a educação básica, ou seja melhores

condições de ensino e estrutura física e preparação pedagógica e formação do corpo docente.

Após retomar os estudos agora na EJA buscamos conhecer as motivações que os alunos têm para permanecer na escola e então descreveram.

QUADRO 13 – MOTIVACOES PARA PERMANECER NA ESCOLA

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 18 anos	“O incentivo dos professores.”
Luiz 49 anos	“Tentar aprender e recuperar o tempo perdido.”
Nilda 35 anos	“Quero muito aprender a ler e a escrever corretamente e concluir o ensino médio.”
Marcia 36 anos	“Quero terminar o ensino médio.”
Lucia 43 anos	“O sonho de entrar em um curso técnico.”
Rosa 29 anos	“Eu quero terminar meus estudos para um dia poder entra em uma faculdade.”
Ana 38 anos	“terminar os estudos e arrumar um emprego melhor.”
Maria 38 anos	“O meu interesse é ser uma pessoa mais informada.”

Os alunos Nilda, Marcia, Lucia, Rosa e Ana, ao responderem a entrevista expressaram que seu principal motivo para permanecer na EJA, seria por desejar concluir seus estudos, e conseqüentemente a luta por melhores condições de vida, pois alguns articulam condições de vida melhor com a conclusão de seus estudos.

Sendo assim, Cardoso (2001) embora já se tenha conhecimento das proposições e dos objetivos das funções a serem desenvolvidas, a escola continua a reproduzir valores sociais e culturais não condizentes com os contextos vividos pela maioria de seus alunos.

A avaliação que os alunos da EJA realizam sobre seus professores possibilitam conhecer o compromisso que estes expressam ter com o processo de ensino-aprendizagem. Os alunos então expressaram suas avaliações.

QUADRO 14 – AVALIACAO DOS ALUNOS SOBRE OS PROFESSORES DA EJA

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 19 anos	“Eles são bons, ótimos.”
Luiz 49 anos	“São ótimos, muito atenciosos com os alunos.”
Nilda 35 anos	“Todos eles são muito bons.”
Marcia 36 anos	“São bons, porem há professores que são muito sérios, deveria ser, mas companheiro dos alunos”.
Lucia 43 anos	“São bons porem os professores precisam passar, mais confiança para os alunos.”
Rosa 29 anos	“Eles são excelentes professores tem o domínio de sala e são responsáveis.”
Ana 38 anos	“São excelentes professores.”
Maria 38 anos	“Para mim são todos maravilhosos.”

De acordo com os alunos: Jorge, Luiz, Nilda, Marcia, Lúcia, eles responderam no depoimento que os professores são comprometidos, tem bom domínio dos conteúdos, e o domínio de sala, porém ressalta que necessita de uma atenção maior por parte dos professores.

Tal avaliação corrobora com o que Freire (2011) escreve sobre a responsabilidade que o professor exerce no ato de ensinar seus alunos, quando destaca a natureza formadora e o compromisso que o educador manifesta na sua pratica pedagógica, sendo desta forma, também um exemplo para os seus educandos.

Quanto a relação professor-aluno na EJA, os alunos expressaram o significado que esta tem para com o processo de ensino-aprendizagem.

QUADRO 15 – RELACAO PROFESSOR-ALUNO NA EJA

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 19 anos	“Uma relação ótima com os alunos.”
Luiz 49 anos	“Eles são bons muito legais.”
Nilda 35 anos	“Uma relação ótima com os alunos.”
Marcia 36 anos	“Em geral uma relação boa, porem alguns professores não permitem uma relação com os alunos.”

Lucia 43 anos	“A relação é considerada boa, porem há um conflito entre alguns alunos com os professores.”
Rosa 29 anos	“São bastante amigáveis.”
Ana 38 aos	“Normal.”
Maria 38 anos	“A minha relação com os professores e muito boa.”

No que diz respeito à relação professor-aluno, os entrevistados responderam ter uma boa relação com os professores. Sendo assim percebe-se que neste relacionamento se encontra estabelecida uma harmonia entre o grupo (alunos e professores), pois segundo Müller (2002, p.278)

Para exercer a autoridade o docente deve saber da importância do seu trabalho e mesclar com a afetividade a sua autoridade, recorrendo, então, ao diálogo como forma de chegar ao resultado pretendido: uma classe integrada, compenetrada e interessada [...] O professor deve usar do diálogo, pois o diálogo pode ser uma fonte de riquezas e alegrias, é uma arte a ser cultivada e ensinada. O professor deve ensinar que o diálogo só acontece quando os interlocutores têm voz ativa, e que se os interlocutores se limitarem a impor visões do mundo sem considerar o que o outro tem a dizer, não estarão praticando um diálogo.

Sendo assim, Müller (2002) fala da importância do diálogo entre professor e aluno para que haja um bom relacionamento e, conseqüentemente, uma boa aprendizagem.

No que se refere as expectativas sobre o futuro dos alunos quando concluírem os estudos na EJA, estes descreveram.

QUADRO 16 – EXPECTATIVA DOS ALUNOS DA EJA SOBRE O FUTURO

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 18 anos	“Não sei.”
Luiz 49 anos	“Aprender a ler e a escrever bem, e fazer um curso superior.”
Nilda 35 anos	“Pretendo arrumar um emprego melhor.”
Marcia 36 anos	“Concluir os estudos e fazer um curso de enfermagem.”
Lucia 43 anos	“Entrar no curso técnico de enfermagem e um sonho desde criança.”
Rosa 29 anos	“Espero ter um bom emprego, e um padrão de vida melhor.”

Ana 38 anos	“Trabalhar e ter melhores condições de vida.”
Maria 38 anos	“Espero ter uma chance melhor na minha vida”

Observamos a partir destas falas que quanto ao futuro, às alunas Maria, Nilda, Rosa, e Ana após concluírem o ensino médio na EJA pretendem arrumar um bom emprego e ter um padrão de vida melhor. Enquanto Luiz deseja chegar a universidade, ou seja, ter formação em nível superior, já Lucia pretende um curso técnico que era um sonho quando criança e apenas Jorge afirma não saber o que espera para o seu futuro.

Solicitamos ainda na entrevista que os alunos conceituassem em sua opinião a Educação de Jovens e Adultos.

QUADRO 17– CONCEPCOES DE EJA NA OPINIAO DOS ALUNOS

ALUNOS	RESPOSTAS
Jorge 18 anos	“terminar os estudos mais rápido.”
Luiz 49 anos	“É uma grande oportunidade para as pessoas que não poderão estudar, e agora com a EJA, podemos concluir nossos estudos.”
Nilda 35 anos	“Para mim a EJA é de grande valor, pois vejo nela uma grande chance de terminar meus estudos por que se fosse pra estudar no ensino regular não teria mais coragem”.
Marcia 36 anos	“Facilita para os estudos.”
Lucia 43 anos	“Educação de Jovens e Adultos.”
Rosa 29 anos	“Educação de Jovens e Adultos.”
Ana 38 anos	“A EJA é uma forma de concluir o estudo diferente do ensino básico e necessário o ano todo.”
Maria 38 anos	“É uma novidade, uma oportunidade, para quem desistiu dos estudos e volta para concluir os estudos.”

Em relação ao conceito de EJA, os alunos: Jorge, Luiz, Nilda, Marcia, Ana, e Maria concebem a EJA como uma grande oportunidade para a conclusão de seus estudos. Segundo a Declaração de Hamburgo (1997, p.06).

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (1997)

Fica expresso tanto no depoimento dos alunos quanto na Declaração de Hamburgo (1997) que a Educação de Jovens e Adultos é um direito e portanto, deve oferecer possibilidade de desenvolvimento dos sujeitos para a promoção do exercício de sua cidadania.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender que a evasão escolar esta associada com diversos fatores, e não apenas a questões sociais como se defende há muito tempo. Fatores que se estende de problemas sociais, a econômicos, emocionais, pedagógicas e ate questões politicas.

As desistências dos alunos no ensino fundamental deram-se a questões de trabalho, saúde, financeiro, o que podemos constar que os alunos entrevistados, sua grande maioria, abandonaram a escola em idade regular, por questão de trabalho, pois que não se conseguia a conciliação trabalho e escola , ate mesmo por ter que priorizar o trabalho Outros fatores contribuíram para esta evasão, como falta de vontade de estudar, a violência que foi relata em um dos depoimentos, compreendendo que evasão no ensino fundamental existia varias vertentes.

É possível perceber também que alguns destes alunos que deixaram de estudar em idade regular diurna, retornaram para a educação de jovens e adultos, com objetivos diferentes, como aprender a ler e escrever melhor, concluir o ensino médio para fazer um curso técnico, ensinar aos netos as atividades, porem o que se chama a atenção é a vontade que expressam em concluir os estudos, para ter um emprego melhor, ou seja eles associar que só alcance melhores condições ,se houver uma formação.

Entendemos que as politicas públicas tem tido grande contribuição para a melhoria da educação de jovens e adultos, e fornecendo melhores condições de estudos para aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar em idade regular diurna, e também, colocando alternativas que contribuem para a permanência do aluno na escola.

Após análise dos dados da nossa pesquisa podemos confirmar que o nosso objetivo de pesquisa foi atingido com sucesso. São vários os motivos da evasão escolar e do retorno desses alunos para as salas de aulas na modalidade da EJA.

Não podemos atribuir a apenas um fator a culpa, mas sim a um conjunto de fatores, inclusive a própria escola, os pais, o sistema educacional, as questões sociais, como também o próprio aluno que, por vários fatores externos, não sente mais vontade de frequentar a sala de aula.

Na EJA, o esgotamento físico exigido pelo trabalho aparece como um importante motivo da evasão, pois muitos precisam trabalhar para o seu próprio sustento, como também para o sustento de seus familiares.

Podemos perceber que a evasão escolar continua sendo um dos maiores desafios a ser enfrentados pela escola, e que somente com muita luta não só da própria escola, mas de todos, incluindo aqui pais, alunos e governo, é que se poderá mudar esse quadro.

Uma das soluções criadas pela escola para diminuir os problemas da evasão escolar de sua responsabilidade pode passar pela criação de novos mecanismos didáticos para tentar prender a atenção de jovens e adultos na sala de aula, como por exemplo, mediante o trabalho com projetos inovadores, como também ao conferir uma maior atenção aos problemas desses alunos.

REFERENCIAS

Almeida, Laurinda Ramalho. (1995). Curso noturno: uma abordagem histórica. In: Tozzi, Devanil A. (Coord.) Ensino no noturno: contradições e alternativas. São Paulo: FDE.

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. Causas e consequências da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola municipal “Expedito Alves”. Disponível em: http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a4_v2/. Acesso em: 02/08/14

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, Censo 2008, Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?id=11960&option=com_content&task=view
Acessado no dia 07 de abril de 2014.

_____. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394/96**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

_____. Lei nº 11.494/2007, sancionada em: 20 de jun. 2007. **Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação- (FUNDEB)**. Brasília: Ministério da Educação, Presidência da República, Casa Civil, 2007. Disponível em: < <http://www.inep/mec.br> >. Acesso em: 20 /07 2014

_____. Parecer nº11/2000, aprovado em: 10 mai. 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000.

_____. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Congresso Nacional, Câmara dos Deputados, 2001. Disponível em: <<http://WWW.publicações.inep.gov.br>>. Acesso em: 13 de julho de 2007

DIGIÁCOMO, Murilo José. Evasão Escolar: **Não Basta Comunicar e as Mãos Lavar**. Disponível em: http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/infancia/evasao_escola_murilo.pdf. Acesso em: 23/07/2014.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, 2001, p. 58-77. <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/parte1.pdf>
acessado em 28 de junho de 2014

FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. **Evasão Escolar**. Disponível em: <http://www.abmp.org.br/textos/159.htm>. Acesso em 26/07/2014. Acesso em: 28 de junho de 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. 1ª Ed.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil**: contribuições para uma avaliação da educação para todos. São Paulo: Ação Educativa; São Paulo em Perspectiva, vol.14, n.1, p.29-40, mar. 2000. Disponível em:<<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 13 /07 2014.

LAVILLE, CHRISTIAN e DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia**. Porto Alegre; Belo Horizonte. Editora Artmed,1999. Universidade de Tiradentes. Unit artigo. disponível em: www.Pesquisa em ciências humanas.pdf, Porto Alegre; Belo Horizonte: EditoraUFMQ 1999 acessado no dia 28 de julho de 2014

MANFREDI, Sílvia Maria. **Política e Educação Popular**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Cortez,1981.

SEVERINO, Joaquim A.. **Metodologia do Trabalho Científico**, 23ª edição, São Paulo,Cortez,2007

SOUSA, Antônia de Abreu. **Evasão escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas?** Disponível em: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/viewFile/1220/641...> Acesso em 13/12/2011.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**. Jomtien: Conferência Mundial sobre Educação para Todos, 1990. Disponível em: < <http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 13/07/2014

_____. **V CONFITEA (V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos). DECLARAÇÃO DE HAMBURGO**. Agenda para o Futuro. Brasília: SESI/UNESCO. 1999 Representação da UNESCO no Brasil. Temas em educação. Disponível em: <http://www.unesco.org/pt/brasil/education-in-brazil>. Acessado: 07/08/2013.

_____. **Educação Para Todos: Atingindo nossos Compromissos Coletivos**. Dakar: Cúpula Mundial de Educação, 2000. Disponível em: <<http://www.unesco.cl/biblioteca/documentos/ept>>. Acesso em: 13/07/14

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

Sites Pesquisados

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educa Censo. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse> acessado dia 07 de abril de 2014.

Revista Práxis Educacional. Edição UESB, Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/241/253>. Acessado em 29 de abril de 2014.

Sindicato Particulares das Escolas de Santa Catarina, artigo de 24/09/2013, Disponível em : <http://www.sinepe-sc.org.br>. Acessado em 09 de julho de 2014.

Universidade Federal de São Carlos,São Paulo,Disponível em: <http://www.ufscar.br>. Acessado em: 11 de julho de 2014.

Secretária Estadual de Educação do Paraná. <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>. Acessado dia 15/07/2014.

PUC Rio. <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>. Acessado dia 15/07/2014.

APÊNDICE A

Prezado (a) Entrevistado (a),

A presente entrevista foi realizada pelos os alunos Lívia Helena de Araújo Neves, Nathalia Roberta Bezerra da Silva e Willams de Oliveira Salles ,foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luzia Simões Bartolini, com o objetivo de coletar dados, referente ao perfil de cada aluno, tais elementos com a sua desistência no ensino fundamental, suas razões, para esta desistência na idade regular, quais fatores contribuíram ate o seu retorno a modalidade de educação de jovens e adultos. A entrevista foi orientada pela a Prof. Dr^a.Maria da Conceição Gomes de Miranda, que também é professora da UFCG-CDSA do curso de Licenciatura em educação do campo. Agradecemos sua colaboração para desenvolvermos este trabalho, certos que sua contribuição é de grande importância e qualidade para esta pesquisa.

APÊNDICE B

Prezado (a) Entrevistado (a),

O presente questionário é parte da pesquisa de monografia em educação dos alunos Lívia Helena de Araújo Neves, Nathalia Roberta Bezerra da Silva e Willams de Oliveira Sales, e trata-se sobre a Evasão Escolar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luzia Simões Bartolini tendo como objetivo descrever sobre a evasão escolar ,suas causas e consequências, como também a reflexão sobre as causas desta evasão e possíveis soluções para a diminuição da evasão escolar ensino fundamental . Esta pesquisa é orientada pela Prof. Dr^a.Maria da Conceição Gomes de Miranda, que também é professora da UFCG-CDSA do curso de Licenciatura em educação do campo. Agradecemos sua colaboração para desenvolvermos este trabalho, certos que sua contribuição é de grande importância e qualidade para esta pesquisa.

APÊNDICE C

FOTOS DA ESCOLA



Fonte: Arquivo Pessoal.



Fonte: Arquivo Pessoal.



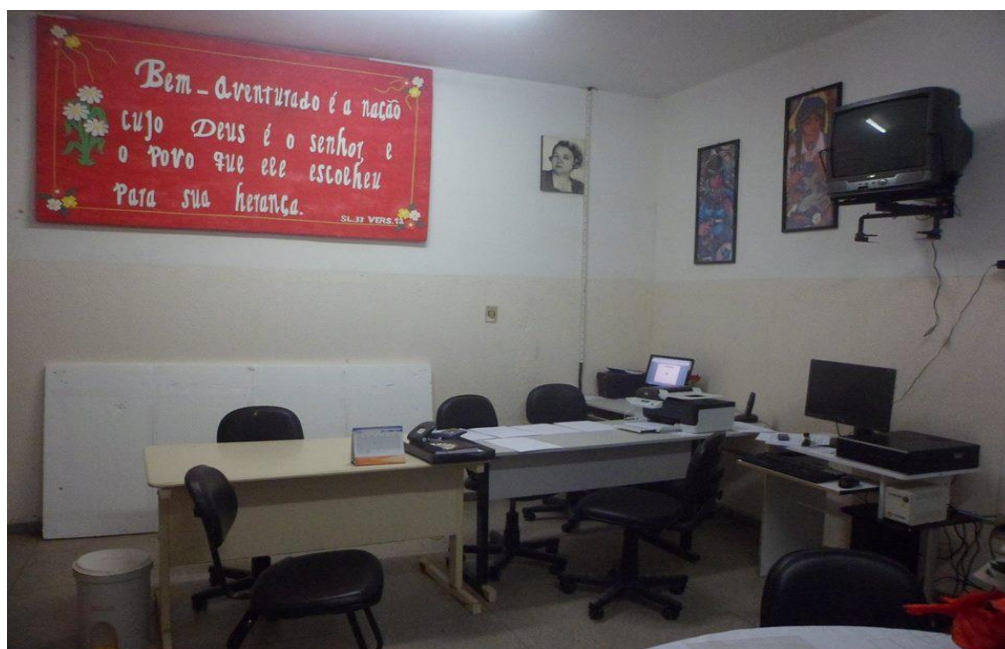
Fonte: Arquivo Pessoal.



Fonte: Arquivo Pessoal.



Fonte: Arquivo Pessoal.



Fonte: Arquivo Pessoal.